

Sete lendas Sobre a Morte

Contos

Gil Cleber



Sete lendas sobre a morte

Gil Cleber D. Carvalho



Sete Sendas Sobre a Morte



Contos



Arte final e capa: Gil Cleber

Ilustração: “A Morte do Avarento”, H. Bosch

Nota importante:

Sendo o autor radicalmente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato com o autor:

gilcarvalho959@gmail.com

www.gilcleber.com.br



Balé nas poças d’água - 1 -

O Grande Momento - 4 -

Marta - 10 -

Regresso à Vida - 21 -

Inverno após um funeral..... - 30 -

O Coágulo - 37 -

O Funeral de um Homem Simples..... - 41 -

Balé nas poças d'água

 noite, e choveu há pouco. Na rua sem calçamento, poças d'água simulam espelhos e refletem a luz impoluta das lâmpadas de mercúrio.

De um lado e do outro janelas se fecham sobre seus segredos, e há quintais em que, através dos gramados, alongam-se as sombras do arvoredo que se vão juntar ao fundo, formando amplas zonas de escuridão onde se dissolvem os muros.

Os últimos bares fecharam mais cedo por causa do frio, e todos se recolheram ao conchego de suas casas, ao conforto da família reunida na sala diante da televisão.

Se um carro passa, súbito e veloz, logo desaparece, deixando na terra macia a marca paralela dos pneus, e na noite a tênue impressão de sua passagem, um ruído de motor que vai diminuindo com a distância.

Diríamos então que ninguém saiu à rua a uma hora dessas, e que agora todos se preparam para dormir, tomando um copo de leite quente ou calçando os chinelos para ir ao banheiro.

Mas não — porque neste momento um homem vem, assoma numa curva o vulto com seu andar intermitente, e vem, num balé mal coreografado, desfilando sua embriaguez sobre os altos e baixos das poças d'água.

Quem é? perguntamos, terá um nome? E que nome será, se tiver um? Antônio, Alfredo, Francisco?

Chamar-se Pedro não será para ele uma solução, e mais que isso, não terá um Cristo para negar antes que o galo cante na madrugada.

Que se negue a si mesmo, dirão alguns, se for homem, acrescentarão outros, logo desviando a atenção para a nota esportiva do jornal ou para o choro do bebê no quarto, reclamando sua mamadeira.

Mas o homem (talvez sem nome) avança, e traz consigo seu próprio escombros, além de uma garrafa que faz volume no bolso do casaco. Pára a intervalos, oscila, volta a caminhar arriscando os passos imprecisos, e se aproxima...

Após a chuva milhares de insetos invadem a noite, voejam ao redor das lâmpadas, encenam seu balé de vida e de morte numa ribalta de enganos, perdem-se em seu vôo kamikaze quando vêem, igual à luz do alto, uma outra luz embaixo, e mergulham na água das poças.

O bailarino da noite também encena sua dança entrecortada, cruzando a rua de um lado a outro, barco à deriva, repetidas vezes...

Pára agora. Curva-se e vomita. Tosse, tosse, cospe... Apruma-se de novo.

Apalpa um bolso, outro, solta um grunhido, um palavrão, até encontrar o maço de cigarros.

De súbito — ele fica ouvindo, surpreendido — a noite se enche de música, que vem como num golpe veloz: alguém abriu momentaneamente uma janela onde havia um rádio ligado numa canção das paradas de sucesso.

PLAM!

Novamente o silêncio: numa pancada, a janela fecha-se outra vez.

O bêbado dá um passo. Dois. Verga o corpo para adiante, quase cai — reapruma-se. Põe um cigarro na boca e risca um fósforo — sem que se explique como estava seco.

A chama brilha, momentânea, numa incidental poça d'água.

O cigarro não acende bem, o homem puxa a fumaça, mas a brasa com a umidade apaga-se. Em sua dança, porém, ele segue o caminho dos sonhos imaginando um cigarro aceso nos lábios.

Não convém perguntarmos o que pensa o desconhecido Nijinski, o bailarino anônimo, pois somente a ele isso interessa. Talvez sonhe uma mulher ou um bilhete premiado na loteria, talvez se recorde de tudo que perdeu ou pensa ainda construir no mundo...

O certo (mas será, mesmo, o certo?) é que só então deve ter-se dado conta de seu erro, viu que o balé escrito para ele não conduzia a nenhum *gran-finale*, e concluiu que não devia continuar a dança.

Então parou.

No fundo das poças as luzes se multiplicam e crescem, vertiginosas. É um momento de claridade absoluta que não o ofusca mas o deixa ver, sem medo ou sobressalto, nem paixão ou espanto, o irremediável desfecho. Então sorri para a morte como para uma irmã mais velha.

E oscila.

Um vento, brisa ligeira de madrugada fria, abala o colosso.

Fá-lo desabar com estrondo na lama, depois rolar, contrair-se e, finalmente, quedar-se mole, relaxado, espalhado como um pacote de peixe na rua, olhando para o alto, os olhos enormes e a boca aberta numa expressão alvar de indiferença.

Momentos depois, poeta do alvorecer, um galo cantou num utópico quintal.



Na manhã de chuva, alguns madrugadores cercam o cadáver.

Piedades. Críticas. Vagas preces.

Incertos améns.

Na boca do morto, cheia de água da chuva, como cópia insólita das poças da rua, um ou outro inseto afogado.

E a luz da aurora nevoenta refletindo-se nela.

O Grande Momento

Abriu o armário.

Metido num invólucro de plástico transparente a resguardá-lo da poeira, o terno branco o esperava. “Um terno importado” dizia consigo, “elegante e muito caro... mas o momento exige uma roupa assim.” A gravatinha preta caíra. Apanhou-a do chão e pô-la outra vez no cabide. Mas não usaria chapéu: detestava chapéus tanto quanto apreciava ternos. Curioso que, apreciando-os, raramente usava um: a primeira vez fora nas bodas de prata da mãe, recorda-se, um terno preto de casimira inglesa; repetira-o já fora de moda alguns anos mais tarde, padrinho de casamento de uns amigos na Igreja da Glória. Não se lembrava de outras ocasiões. O terno é uma roupa solene, repetia às vezes, para ocasiões solenes, tão raras em sua vida deserta que jamais se atrevera a usar um no seu medíocre e enfadonho cotidiano. A morte, no entanto, que ocasião principal! “Estar morto, uma grande coisa”. Para esse momento guardava seu terno branco. “Mas morre apenas quem esteve vivo”, filosofava diante de seu copo de cerveja, terminando por perguntar-se se alguma vez o estivera. Em suas vastas madrugadas de solidão descreia da própria vida, dizendo para si mesmo (ou para a garrafa que o acompanhava): “Talvez meu ato de morrer não seja autêntico” e, num suspiro, “sempre estive morto”. Para quem estaria vivo, afinal? Para o tintureiro que vem daqui a pouco cobrar alguma conta? Para o senhorio que todo fim de mês espera o aluguel?

Talvez para ela...

“Ela...”

Não, ela não. Melhor não pensar nela agora, não sentir saudade, embora isto já não tivesse nenhuma importância. “Melhor não pensar”, mas só a morte traz a total ausência de pensamento: a morte, o esquecimento da vida. “Não se morre, esquece-se de viver, e com isso se esquece tudo mais.”

Passou os dedos com carinho pela manga do paletó. Dentro do armário escuro, a roupa como que era mais branca, quase fluida, uma imagem apenas, que tocada desmancharia. Precisava sentir na ponta dos dedos aquele tecido fino, o enxoval para o seu grande momento, certificar-se assim de que ele estava ali.

Fechou o armário. Sentou-se na cama. O quarto, em desordem. Meses e meses, os mesmos lençóis encardidos, amarrotados, a mesma fronha cujo fedor parecia não importuná-lo. Tudo assim meio no escuro porque raramente abria a janela. A luz, entrando escassamente pelas frestas, vinha de um beco: a janela dava para um beco onde se jogava lixo. “Abrir a janela pra quê?” Dali, a vista não era das melhores. De seu quinto andar via o lixo empilhando-se pouco a pouco como para alcançar seu quarto; subiam ondas de um cheiro azedo de cascas de legumes, frutas podres, papel de bunda, tudo numa mistura medonha onde os gatos passeavam. (Há muito tempo atrás, lembrou, costumava matar gatos com veneno dentro de sonhos açucarados. “Uma morte bem rápida. Será?...”) Olhando para frente não veria nada melhor. Adiante, um prédio pequeno de três andares, depois de um terreno baldio; paredes muito encardidas e descascadas; além, outros telhados, prédios pouco maiores, uma paisagem triste de terraços sombrios, uma mistura doente de fios e postes, poeira de asfalto em todos os recantos, negreando tudo. Em muitos terraços, ali e além, mulheres pendurando roupas em varais improvisados, “quanto trapo”, mulheres com panos na cabeça, panos mal ajustados nos corpos disformes, “ralé”, a voz de alguma mais perto, desafinando um samba da Portela, a acompanhá-la o ruído feio de um fusca meia nove. “O que será que um gato sente quando vai morrer?” Do outro lado da rua, o dia todo o bar estava cheio. Pinguços de boca aberta sentados na calçada, o olhar estúpido e moscas voejando-lhes em volta da boca, do copo, dos enormes olhos remelentos. Tinha um preto, moço ainda, que parava ali constantemente. “Quem será aquele preto? Por que é que fica sempre assim, imóvel, de olhar parado, feito um louco?” O resto da freguesia, desocupados e aposentados, nos tacos e nas bolas. “Olha o suicídio!” gritava algum, eufórico. Ao lado do bar, uma vala aberta, a água negra e grossa correndo. “A prefeitura que não dá jeito nisso”, quantas privadas desembocando ali!

“Não vale a pena abrir a janela.”

Passou a mão pelo cabelo, “não me penteiei hoje”, olhou com desânimo em volta de si. Em um monte, num canto ao lado do armário, uma quantidade de roupa suja. “Pra que lavar, se não vou usá-las mais?” Havia mais de dois meses deixara de lavar a roupa. Jogando no monte de roupa suja a que tirava, punha uma limpa que, depois de suja, ia para o monte... E vestia outra. Um dia o estoque de roupas acabou. Revirou todo o monte em busca de uma calça e uma camisa menos sujas. Usou-as por uma semana, repetindo-as a cada banho, sem se importar se na rua reparavam nele. Enquanto isso, esperava a hora... Talvez precisasse de alguma coragem (“coragem...?”), e assim rompia semanas esperando o momento de usar o terno branco com gravatinha preta quando, elegante, barbeado, limpo, cheiroso, seria visto por todos. Estaria feito um “*lord*” (um *lord*, por que

será que achava os *lords* os únicos nobres de verdade? Agradava-lhe o nome, *lord*, só isso!), com garbo, os olhos fechados, flores lilases espalhadas sobre si. Certo de estar sorrindo então, “parece que dorme” quase ouviria alguém dizer. Outros concordariam. “O momento solene e magnífico da morte! A melhor roupa para o momento de glória em que, todavia, todos olham para você e dizem — coitado!”

Ocorria-lhe que naquele instante estaria cercado de amigos, seria um momento alegre e cheio de flores (embora não gostasse de velas), muito diferente de agora, nesse quarto de ar carregado, fedorento, sentado sozinho na beira da cama desarrumada e suja, olhando em volta enquanto coça a cabeça. “O pior é não haver nada além desse momento”. Tudo, uma repetição miserável dessa mesquinhez... “É para essa hora mágica que o guardo... é preciso deixar boa impressão. Todos que me virem, dirão: está um morto bonito. Vestiram-no muito bem!”

“Vai como um *lord*!”

Levantou-se, coçou a cabeça, procurou os chinelos com os olhos. “Mantínhamos tudo em segredo, por isso era melhor. Da primeira vez (e sorriu ao lembrar) com que cara assustada ela estava, só de pensar que o marido a estivesse vigiando. Depois não, soltou-se, ficou mais tranqüila, mais à vontade...”

Entrou no banheiro. O vaso, com a descarga quebrada, estava sujo, o cesto cheio de papéis; o piso úmido era escorregadio, e no espelho estalado apareceu uma cara estranha. “Ela gostava da minha barba nascendo — espeta, mas dá tesão, dizia.” Aí então passava o queixo pelo pescoço dela, uma dentadinha na orelha, e ela se desmanchava toda. Sorria — ele via esse sorriso desconhecido no espelho — ao lembrar. O sorriso acabou de repente. “Tua cara” disse ao espelho, “é a cara de um homem sem depois. Mas há um consolo para tua desgraça, seu babaca.” À medida que raspava a barba, cada traço, cada pequena ruga de seus trinta e cinco anos, revelava uma angústia repisada, uma dor antiga, o cotidiano de suas mínimas misérias...

Entrou no chuveiro, agradável a água quente escorrendo pelo corpo aos poucos. Ensaboou-se sem pressa. “Você não me ama” ela disse um dia, “sei que quer apenas trepar comigo e mais nada. Mas isso qualquer um quer...” Quis ir embora e disse que não voltaria. “Eu não ando dizendo a toda hora que ‘te amo, te amo’, mas o que sinto, ouça, o que sinto...” Ela permanecera de cabeça baixa. Torcia nervosa as mãos. Amava-o como doída. Mas de repente, sem saber por que, deixara de acreditar nele. Então decidira acabar com aquilo de vez. “Talvez não valesse a pena correr tanto risco, ou sei lá o quê.” Ouvira-o, mas não fora o bastante para convencer-se. Parou na porta ao ouvi-lo novamente. E ele falava como um homem sem nada:

“Minha vida inteira foi uma merda. Nunca tive nada... esperei sempre sem saber o que estava esperando... não sei, mas me sinto um buraco: quanto maior, mais vazio. Quando saí de casa... os de lá eram os meus piores inimigos, ainda que todos quisessem bem a mim... talvez não pudessem entender o que se passava... pensei que você... que você... pensei que tivesse encontrado, enfim... mas... se você duvida... se você duvida...”

Calou-se. Ela saiu um minuto depois.

“Se você vai embora” disse, “o que é que sobra?”

Saiu do chuveiro sem pressa; secou, vagaroso, o corpo. Passou os dedos pelos cabelos. Sacudiu a cabeça. Úmidos, não precisavam de pente. Caíam certinhos. Voltou nu para o quarto. Abriu outra vez o armário. Vestir aquela roupa foi o seu ritual. O espelho do armário refletia-o de corpo inteiro. “Um *lord*!... É justo que eu esteja assim, agora, é justo... porque será meu único grande momento na vida.”

Desceu para a garagem. O carro, meio velho, levou cinco minutos para pegar, até que roncou raivoso e saiu. Parou no botequim.

Dois bêbados encolhiam-se sob a marquise; jogadores de sinuca entre as mesas no salãozinho estreito, tacos na mão, vigiavam as bolas coloridas, “puta merda, olha o gato!” gritou um deles cuspidando.

Tarde branca de inverno, um vento fino e gelado em golpes súbitos, a neblina fazendo pingar os beirais...

Sentou-se à mesa. “Papel e lápis, por favor.” Um garoto o atendeu. Os outros olharam, estranhando a roupa em ocasião e lugar tão impróprios, mas logo o esqueceram, voltando ao jogo. O dono do bar lavava copos atrás do balcão. “Vai viajar?” perguntou. “Vou”, e pôs-se a escrever. Não havia muito a escrever, nem a muitas pessoas. “Dizer o quê? E a quem?” Sua mãe... sua irmã... possuía, acaso, mãe e irmã?... Ainda pensavam nele?... E ele, por sua vez, se lembrava delas?

Medita.

Só havia uma carta a escrever, ainda assim curta e incisiva. A ponta do lápis correu papel afora.

“Amei-te muito sim, ainda que não me tivesses acreditado. O amor; estranho isso, não pede para ser dito em frases tolas que se repetem a todo momento, e acabam perdendo o sentido. Tu, talvez, as quiseras ouvir; e quando dei mais que isto não me compreendeste. Paciência. Não estou me despedindo, nem estou triste. O meu momento chegou, o grande momento que tenho esperado desde entender que a vida só existe para que morramos. Creio tê-lo compreendido há muito tempo, criança ainda.

“Por isso estou feliz.”

Dobrou o papel com cuidado. Pôs um nome e um endereço no verso. Alguém entregaria. “Um copo d’água, por favor.” O menino trouxe a água. Levou o copo para o carro. Sentou-se. Deixou o papel no banco do carona. Tirou um frasco do porta-luvas. “Tem um efeito muito rápido” pensou, misturando o pó dentro do copo cuidadosamente com o dedo, para não derramar na roupa. “Devo estar sempre impecável.” Cuidou em não sentir o cheiro forte. “Você vai sentir-se como um gato, sabia?” sorriu, lembrando-se dos gatos que matava com aquele veneno. “Bem, é preciso experimentar para saber o que um gato sente. Será que ele sabe que esta morrendo?”

Contemplou o líquido contra a luz, depois que o pó se diluiu por completo. “Será que vou me arrepender depois? Dizem que a gente sempre se arrepende... embora eu não creia seja o meu caso, já que não vou morrer, só esquecer... esquecer, e pronto.”

Agitou o líquido.

“Vamos lá” disse, e acrescentou “um brinde à vida!”

Bebeu com indiferença, sem afobação nem careta. Bebeu tudo e no instante seguinte havia como que uma paz sem fim, uma inconsciência do que havia feito. Em seguida olhou em volta e só conseguiu pensar: “Bebi o veneno, vou morrer.” Mas agora as coisas que o cercavam era como se as visse diferentes. Um mundo vivo, ao mesmo tempo distante: o bar, os bêbados sob a marquise, os jogadores de sinuca, crianças na rua, as mesmas mulheres — apesar da neblina — pendurando roupas pelos terraços, o pó do asfalto convertido em lama fina, sob sua janela o lixo a crescer, os gatos por lá atrás de restos de comida, e absolutamente ninguém sabendo o que ele fizera. (Pensar nisso tudo, tão breve quanto um lampejo, menos ainda...)

Até que explodiu. Nunca soube se a dor era do arrependimento ou do veneno. Abriu a porta do carro e cambaleou um passo pela rua. Estava tonto, sentiu-se estranho e confuso, como se aquele fosse um lugar absurdo. Olhou para cima. Caiu. Mergulhou na vala ao lado do bar.

Tiraram-no morto. A multidão já cercava o corpo. O terno branco, sujo, empapado da água negra e fedorenta do esgoto.

Na queda, perdera um dos sapatos.



Choravam em volta do corpo. Poucas flores, velas queimando ausência: não era o grande e glorioso momento que esperara, mas ele não sabia disso. Tampouco sabia que não estava elegante e garboso como um *lord*. Ignorava que o veneno lhe enfeara o rosto, agora contorcido, e que no necrotério haviam trocado seu terno importado, sujo de lama, por um outro,

enorme, de tecido vagabundo, porém limpo e seco, que o morto do dia anterior deixara ali, por acaso.

O grande momento foi um vulgar instante de morte com lágrimas comuns numa capelinha à toa, com poucas pessoas ao seu redor.

Quanto a ela, ora, ela nem sequer estava chorando...¹

¹ Este conto foi baseado em fatos.

Marta

Marta morreu numa tarde cinzenta de inverno. Seu corpo jazia num esquife de carvalho sobre a essa, no meio do salão, enquanto em nosso recolhimento velávamos e ouvíamos o vento em grandes golpes sacudir e desfolhar o arvoredo.

Tínhamos decidido não ornamentar o corpo com flores: vestíramos Marta com um vestido de linho claro, e seus cabelos estavam penteados e presos atrás como de hábito. Talvez por essa simplicidade apresentasse uma aparência tranqüila, e em seu rosto a frieza e a impessoalidade da morte se convertessem na expressão de paz que lhe conhecíamos desde sempre, em nossa convivência diária.

Marta era nossa irmã mais velha, filha do primeiro casamento de papai. Quando ele se casou pela segunda vez, ela havia acabado de completar dezenove anos; era uma moça robusta, não muito alta, de pele morena e cabelos lisos, cortados à altura dos ombros. Não seria bonita com seu rosto alongado, os olhos miúdos e os lábios sem cor; para compensar, notava-se uma indescritível firmeza em sua expressão, falando de uma personalidade forte e pertinaz a suavizar-se porém com sua meiguice natural no trato com as pessoas, fossem os amigos da casa, nós, os da família, ou mesmo os criados.

Quando nossa mãe morreu, devido a inesperadas complicações de parto, papai, cuja saúde frágil e já abalada vinha apresentando um quadro de declínio que se acentuava nos últimos dias, não demorou muito a acompanhá-la — e nunca tivemos dúvidas de que a causa de sua morte fora a perda da mulher, ainda que nós, os filhos, e especialmente Marta, nos revelássemos à sua cabeceira cercando-o de carinho e cuidados.

Naqueles dias negros a casa viveu a tortura da desolação, da atmosfera de morte, da solidão em que de hora para outra nos víamos afundar. Talvez estivéssemos próximos do desespero, quem sabe irremediavelmente próximos, não fosse Marta fazer-se nossa mãe, desdobrar-se em desvelo e atenção, disfarçando a própria dor para nos transmitir coragem e esperança.

Uma noite após o jantar, inconformada com o abatimento em que a morte de nossos pais nos deixara, ela nos chamou ao seu quarto. Com cuidados de mãe, apanhou no berço o bebê e sentou-se na cama. De início não disse nada, apenas contemplava a criança que dormia, como se quisesse atrair nossa atenção para ela. Por fim, falou:

— Não voltaremos a dormir desse jeito novamente — e olhou cada um de nós. — Tivemos nossa época de dormir assim, mas ela passou... não é justo que roubemos a esta criança o seu sono, compreendem? É preciso que, juntos, nos esforcemos para recuperar a alegria que nos parece perdida: para que a casa volte aos seus dias luminosos e este sono não seja roubado a esta criança.

Então, recostando-se, fez que sentássemos à sua volta; entregou o bebê a Ivone, nossa irmãzinha, que com seus cinco anos o segurou com muito cuidado, e envolvendo-nos, concluiu:

— Estamos vivos, eis o segredo! A vida — esse é o bem verdadeiro que nossos pais nos deixaram. Temos de merecer essa herança, honrar esse prêmio!

Fazia onze anos que Marta conseguira despertar em mim e em Jonas a alegria de viver.

Durante esses onze anos não será exato dizer que Marta definhou: ter-se-ia dedicado exclusivamente a nós, a nos estimular para a vida, a nos educar, a nos ver crescer saudáveis e fortes, e felizes. Ter-se-ia esquecido do amor, não se casou, e ao contrário do que pregava fizera-se magra e amarela, tornara-se franzina e nervosa, embora nunca nos tivesse deixado transparecer seu próprio sofrimento, e em nenhuma ocasião saiu de sua boca qualquer palavra que nos pudesse magoar. Foi assim que, doente e envelhecida antes de completar quarenta e cinco anos, Marta morreu em seu quarto, sem que estivéssemos presentes à sua agonia.

Houve, na tarde de seu funeral, um momento em particular de que me lembro com clareza, que resume o místico encantamento da morte que vivíamos naquelas horas silenciosas durante as quais pouco falávamos e em que até nossos passos soavam de maneira cerimoniosa e quase ritual no assoalho. Foi quando afastei as cortinas para que a claridade leitosa do dia atenuasse as sombras do salão, e vi uma paisagem composta de manchas em vários tons de verde e cinza, diluída pelas gotículas de neblina que corriam pela vidraça.

De repente Carlinha, nossa irmã mais nova, de onze anos, assomou à porta do salão e disse:

— Vejam, o mirto floriu pela madrugada — e exibiu um buquê de florezinhas brancas.

Eu me volvei, dando as costas para a janela, e vi nossa família reunida: Carlinha erguia o buquê para que víssemos a composição que fizera, delicadamente, com as flores do mirto, e parecia flutuar na luz que vinha de fora, recortada pelo quadrilátero da porta; seu vestido de xadrezinho cinzento, o pulôver de lã com gola alta, o corpinho miúdo e as pernas finas metidas em meias grossas que as protegiam do frio — tudo nela convertia-

se na simples sugestão de uma imagem, e olhando-a era como se, ao tocá-la, os dedos nada encontrassem e a visão dela se desfizesse em névoa.

Jonas, nosso irmão mais velho, estava sentado junto à lareira tentando acender a lenha. Entretanto com seu trabalho parecia mais distante do que de costume, pois Jonas tinha o hábito das poucas palavras, da meditação prolongada antes de tomar qualquer atitude. Era extremamente calmo e ponderado, mas inflexível em suas decisões, e esse caráter voluntarioso seria visível em seu rosto não fosse a barba aloirada que o cobria, barba que ele cultivava desde os vinte anos. Ao ouvir Carlinha, ergueu a cabeça num movimento tão leve e gracioso, alteando o busto, que pude ver-lhe ao mesmo tempo seus grandes olhos azuis rebrilharem como gemas, e a insinuação de um sorriso que não durou. Pareceu então um pássaro que fosse alçar voo, momentaneamente esquecido da lareira, da lenha e do lume que tentava acender.

Ivone tinha dezesseis anos e era muda de nascença. Há dois ou três minutos havia-se reclinado no sofá — o grande sofá de couro em frente à lareira — e parecia dormir quando Carlinha entrou. Ouvindo-a, sentou-se num movimento rápido e girou os quadris, debruçando-se no recosto, e ficou admirando as flores nas mãos da irmã. Ivone tinha o rosto cheio e a pele muito clara, sem imperfeições. Seus dentes seriam perfeitos não fossem os incisivos superiores, que se projetavam um pouco — defeito que, ao invés de enfeiar, tornava mais atraente e especial seu sorriso. Tinha os cabelos muito longos, lisos, castanho-claros, e nesse mesmo instante em que suas faces estavam coradas pelo frio, uma mecha resvalava-lhe pelo rosto, como um traço — um risco! — de luz dourada.

Eu tinha à época vinte e dois anos. Era jovem — um jovem sem outra responsabilidade além da que tinha comigo mesmo, com minha aparência e meus divertimentos favoritos: a caça e as festas em sociedade, onde — nesta últimas — era tido pelas mãos de moças casadouras como um “brilhante partido”. Até aí fora extrovertido e folgazão, e enquanto Jonas passava seus dias compenetrado no estudo (preparava-se para sua tese de doutorado em Biologia no fim daquele ano), ou Ivone que com a mesma preocupação preparava-se para ingressar na universidade, eu tinha mais em comum com nossa pequena Carlinha que só queria saber de brincar e divertir-se. Mas naquele momento, estou seguro de que se eu pudesse ver-me junto às vidraças, não me veria exatamente como era, mas como a circunstância da morte de nossa irmã mais velha me tornara: vestido com certa negligência, teria o rosto pálido e a barba por fazer, e certamente olheiras que me deixavam o olhar, de hábito franco e jovial, imóvel e fundo.

Mas fora tudo muito breve, pois logo a seguir Carlinha entrou, e o que fora sua imagem irreal e flutuante de um momento atrás se converteu na menina cheia de vivacidade que levava um buquê de flores de mirto para

ornamentar a morta. O movimento ascensional de Jonas ao vê-la entrar, movimento que o tornara uma espécie de anjo ressurgente a emergir das sombras, foi interrompido e ele voltou à sua prosaica atividade de acender a lenha na lareira, com a cabeça baixa e o dorso recurvado, apoiando-se numa das mãos. Ivone afastou do rosto a mecha de ouro fosco que a tornava tão bela, e se deitou outra vez no sofá, fechando os olhos.

Afastei-me da janela e resolvi sair da sala.

— Vou até o jardim — disse —, preciso andar um pouco.

Não me incomodei com o vento que vinha, em rajadas úmidas e golpes de frio contra minha capa de lã, e descendo ao jardim passei a caminhar pelas alamedas, entre as árvores centenárias que cercavam a casa numa redoma de troncos e galhos e folhas. Entre os troncos verdejava a grama, agitavam-se os animaizinhos do bosque, floriavam, na primavera, os canteiros que no inverno permaneciam cinzentos e apagados.

Ao fundo do jardim, inusitadamente, o mirto florescia recoberto pelo branco brilhante de infinitas florzinhas que haviam aberto na madrugada anterior.

Marta tinha como *hobby* a jardinagem, e era comum vê-la à volta dos canteiros com a pá, o regador, a caixa de sementes, mas demonstrava uma atenção especial com o mirto, junto ao qual se detinha muitas vezes numa admiração cheia de reverência. Foi durante uma floração assim que um dia, eu ainda adolescente, avistei-a que colhia algumas flores com o cuidado de quem tira as roupas de um bebê. Era quase um ritual a forma como ela com uma tesoura cortava os pedúnculos e compunha um buquê, mas foi com certo mal-estar que a fiquei olhando, como se escondido na aparência de quase sacralidade de seu ato houvesse algo de medonho que o conspurcasse. Então ela me viu, chamou-me sorrindo para junto de si, e o que produzira em mim aquele abalo, dissipou-se.

— Colhi para enfeitar o quarto de Ivone.

— Por que o quarto de Ivone? — perguntei.

— Porque Ivone é mulher. Já tem dez anos, não tarda fazer-se uma moça pura e bela. O mirto é um símbolo de pureza, não sabia? Na Europa usa-se fazer grinaldas com suas flores para as noivas.

Não sei exatamente quanto tempo estive ali, junto ao mirto, e quando dei por mim começava a anoitecer.

Essa lembrança obsessiva trazia uma ponta de incômodo, um mal-estar semelhante ao que havia sentido naquela vez, e a esplendorosa brancura do mirto perturbava-me porque, mesmo com a pouca luz que havia à proximidade da noite, a árvore esplendia numa fulgurância irreal que, estava certo (pelo menos naquela hora), não se apagaria mesmo quando caísse de todo a escuridão, como se dela irradiasse luz própria.

Eu estava sozinho no jardim, mas subitamente senti uma presença como se Marta também estivesse ali admirando a árvore que floria absurdamente no inverno, “que talvez tenha florido apenas para seu funeral” eu pensei. E um tanto perturbado voltei para o salão, onde um dos lustres fora aceso — o que não bastava para que se fizesse plena claridade no ambiente.

— Marta estava comigo no jardim agora há pouco — eu disse, mas meus irmãos olharam-me com indiferença e eu, apercebendo-me de ter dito um absurdo, calei-me confuso e fui sentar-me junto à lareira.

Todos permanecemos ali, a velar quase que sozinhos, pois da esparsa vizinhança somente uns poucos conhecidos entre os mais velhos do lugar haviam aparecido. Fez muito frio durante a noite, continuávamos ouvindo o vento que fazia tremer as vidraças e assoviava nos galhos, o rumor de trovões anunciando chuva, que caiu forte pela madrugada. A certa hora adormeci. Meus irmãos e os outros continuaram velando por toda a noite, mantendo-se acordados com xícaras e xícaras de café forte, mas eu só despertei pela manhã, com Carlinha que me sacudia:

— Bob, Bob — ela dizia —, acorda... temos de levá-la agora.

Fazia sol, e o céu estava limpo, sem nuvens. Os quatro — na retaguarda o pequeno grupo silencioso e tardo de vizinhos — conduzimos Marta até o cemitério da família, a cerca de oitocentos metros da casa, entre as velhas árvores do bosque.

Junto ao túmulo aberto, o ataúde repousou sobre a laje enquanto nos detivemos para fazer uma breve oração, e Carlinha aproveitou para ler um trecho da Bíblia:

“— A face do Senhor está contra os que fazem o mal, para desarraigar da terra a memória deles. Os justos clamam e o Senhor os ouve, e os livra de todas as suas angústias. Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado, e salva os contritos de espírito².”

Foi com algum esforço que, em seguida, descemos o ataúde. Cada um então jogou um punhado de terra, Jonas trouxe a cal e logo a tampa de mármore fechava o túmulo, calafetada com massa de cimento.

Estava acabado.

Ao voltarmos para casa, somente os quatro agora, fizemos o caminho pela margem do rio que cortava a propriedade, onde nos melhores dias passeávamos em companhia de Marta, que nos falava de sua infância e de como costumava brincar ali, quase sempre só. Em dado momento Carlinha começou a cantar uma cantiga que aprendêramos de Marta — uma cantiga singela e triste que falava de um amor impossível, porque entre os amantes havia um rio profundo que não conseguiam atravessar. A cantiga dizia ainda que toda a

² Salmos, C. 34, V. 16 a 18

sua vida os amantes estiveram à margem, contemplando-se sem jamais se tocarem, e só pela morte puderam unir-se.

A voz de Carlinha juntou-se a minha, depois a de Jonas, e Ivone, que não podia cantar, abraçou-se a mim chorando.



Quando, uma semana depois, entramos no quarto de Marta, encontramos ainda a desordem do dia de sua morte. A cama desfeita, os vidros de remédio espalhados, peças de roupa por cima das cadeiras — tudo ficara intocado, pois não tivéramos ânimo para mexer de imediato em suas coisas.

Certa manhã resolvemos entrar lá: era preciso abrir as janelas, esvaziar os armários, arrumar o quarto e os cômodos contíguos, e nessa ocupação gastamos quase todo o dia. Todas as suas roupas e objetos de uso pessoal que tivessem valor seriam doadas para alguma instituição de caridade, e comentávamos entre nós que essa atitude seria do agrado de Marta, estava de acordo com seu jeito de ser e, se ela pudesse ver-nos agora, por certo nos aprovaria.

Enquanto meus irmãos fechavam as últimas malas e discutiam as medidas a serem tomadas no dia seguinte, sentei-me diante da escrivaninha de Marta. Ainda não havíamos mexido ali, e abrindo as gavetas encontrei papéis, lápis, envelopes, clipes, miudezas que se guardam e que não tem valor nenhum a não ser para quem as possui.

Foi então que no fundo de uma gaveta chamou-me a atenção um volume encadernado em negro que a princípio julguei ser uma Bíblia, mas cuja inscrição na capa dizia ser um diário.

Eu não tinha a intenção de ler o que estava escrito ali: seriam anotações de caráter pessoal cuja privacidade tínhamos de respeitar como se Marta estivesse viva. Mas foi — como explicar? — negligentemente, sem pensar no que fazia, que folheei o volume, e quase com distração que meus olhos percorreram em qualquer página uma linha, uma frase, uma anotação...

Antes jamais o tivesse feito! Antes não houvesse encontrado aquele livro para que me fossem poupados todos os desgostos, e quantas vezes depois desse dia me perguntei se, a conhecê-la, não era preferível ignorarmos a terrível verdade!

“Oh, meu Deus, meu Deus!” eu murmurava, enquanto lia com desespero aquelas linhas, virando as folhas rapidamente, saltando trechos, páginas inteiras, para adiante assombrar-me ainda mais. Percebendo minha

aflição, meus irmãos se acercaram de mim, mas antes que me perguntassem eu lhes mostrei o que havia encontrado.

Então, juntos, os quatro nos defrontamos com o horror!

De minha parte nada mais tenho a dizer. Resta-me, para encerrar esta narrativa — pois é inútil comentar sobre o que lêramos no diário de Marta —, transcrever alguns trechos que, por si só, dirão tudo!

22 de abril de 194...

Hoje estive com meu pai e lhe perguntei se estava insatisfeito com minha atuação à testa de nossas empresas, se ele tinha alguma queixa de mim. Ele sorriu replicando que sem mim seria incapaz de gerir tão bem os negócios. Mantive-me quieta enquanto disfarçava, arrumando umas pastas na gaveta, e depois perguntei se ele me considerava uma companhia agradável. Creio que ele compreendeu onde eu queria chegar; mas continuou em sua reserva. “A companhia de uma filha dedicada e amorosa é sempre agradável, Marta” ele me disse. Declarei então, de pronto, que se assim era ele não precisava casar-se, casamento esse que eu não aprovava (e sobre o qual ele ainda não havia comentado comigo, mas que eu soubera por causa de uma carta da pretendente que ele por acaso esquecera no bolso, e que não tive pejo em ler). Acrescentei que ele não precisava de uma mulher; pois tinha a mim. Meu pai ficou sério, e retrucou pausadamente: “Não esperava de você uma indiscrição dessas, mas a desculpo porque compreendo que agiu assim movida por uma preocupação natural de filha cuidadosa”. Vi aborrecimento em seus olhos, mas ele se conteve e não continuou a repreender-me. Disse ainda que pretendia falar-me de sua decisão naquela mesma noite, e acrescentou sorrindo e abraçando-me com o carinho com que me abraçava aos dez anos, aos cinco: “Uma filha é alguém muito importante, Marta, mas não substitui uma esposa.”

10 de maio

Comecei a precaver-me contra esse casamento, que, contudo, parece-me inevitável. Para não pensar nele, trabalho, trabalho desde as sete da manhã até tarde da noite. Isso me dá algum alívio, além do que me inteiro da real situação de nossas empresas. Não há nada errado com elas, e providencio para que continue não havendo, principalmente agora que meu pai deixou quase tudo em minhas mãos.

17 de maio

Meu pai não compreende o meu segredo, nem ao menos suspeita de que haja um. Não poderia, como sou tola!, se se trata de um segredo. É preciso que eu tome coragem, que lhe fale francamente, que lhe mostre o que tem ao seu alcance e despreza, e ignora, e a que fecha os olhos.

19 de maio

Ah, os malditos olhos de um pai!...

10 de junho

Tornava-se insuportável para mim ver aproximar-se a data do casamento mantendo-me calada, por isso tive coragem de lhe falar; revelar meu segredo. Tola esperança!... O que obtive de ti, meu pai, ao depor em tuas mãos o que havia de sagrado para mim?

15 de junho

Oh, meu pai, por que olhar-me com esse assombro, por que em sua face essa contração de pavor?

Mil vezes malditos os olhos de um pai!... E no entanto o dia se aproxima — o dia em que todas as cores converter-se-ão em cinza, e que enquanto eles se deleitam com seu amor mesquinho eu, em meu quarto, sangro meu corpo com as unhas!...

18 de outubro

Então é esse o amor? É assim que é? É dessa maneira que uma mulher geme quando o homem a quem ama a penetra, e se espoja dentro dela... mesmo que tentem conter-se, porque sabem que eu estou em casa, em outra ala da casa, claro, mas ainda assim é preciso conter-se... Contudo, ela não consegue evitar esses gemidos de égua, esses gritinhos de puta... Dá até para ouvir os estalidos da cama! Céus!, com que fúria ele se movimenta!... Pelo menos podiam ter apagado a luz...

Fiquei sob a janela deles toda a noite, para ver até quando iam... Foram até madrugada, passava das três quando silenciaram, e enquanto ador-meciam saciados eu voltei para meu quarto de gelo, minha caverna de solidão, os confins do meu inferno!

6 de dezembro

E em que inferno se transformou toda a casa depois que ela veio para cá! Meu pai evita minha presença como se a filha dele fosse uma leprosa, e preveniu a mulher contra mim. Agora ela sabe de tudo, e se em alguns momentos descubro uma sombra de horror em seus olhos, noutros sinto que ela se vinga ao exhibir o ventre inchado, rotundo, e ao falar para que eu ouça do enxoval que está preparando para o bebê.

5 de março

Tenho-os a ambos em minhas mãos. Você destruiu a minha vida, papai — hei de destruir a dessa mulher; ainda que me custe a sua!

6 de março

Não nego que me agrada ver a impotência a que estão reduzidos.

Meu pai não foi cauteloso quando me deu plenos poderes. Nem depois que lhe falei do meu segredo preveniu-se, não acreditou em meu ódio, duvidou de minhas armadilhas, e eu, de certa maneira, venci. Agora nada podem contra mim, nem mesmo alegar que estou louca, pois todos os seus negócios estão sob os meus cuidados, minha competência está mais que provada e não basta o fato de ele ser o dono: como há muitos interesses alheios em jogo, a alta diretoria sempre me dará o aval necessário, de forma que posso sentir-me segura.

Engraçado, não me julgava tão ardilosa...

19 de abril

De certa maneira venci... Mas que conceito é esse de vitória? Em que venci? Onde está o troféu que ergurei para mostrar a todos a minha conquista?

13 de maio de 195...

Vejo-o mais magro e abatido, só vai ao escritório assinar papéis para cuja tramitação sua assinatura é indispensável. Ela também tem a saúde abalada, pois toma todos os dias um tranqüilizante que o médico receitou. Ouvi o doutor recomendar uma viagem de repouso, mas uma viagem não será uma solução para eles — e eu já me preveni contra isso. Afinal, que viagem o quanto queiram, pois sempre terão de voltar para casa...

22 de agosto

Com que espanto descubro no rosto abatido de meu pai, em certos momentos, um sorriso de ironia e piedade ao acariciar seus filhos em minha presença, e olhar para mim como quem diz: “Estes são os filhos que tive com a mulher que amo”!

Quando ouço essas palavras que ele não diz, percebo o quanto é sutil o conceito de vitória, e que no fim das contas perdi... perdi tudo...

18 de junho de 196...

As crianças estão crescendo e com isso muita coisa teve de mudar. Vivemos uma farsa para poupá-las, e confesso que acho muito melhor assim. Dói-lhes mais fingir; é mais penosa para eles essa representação contínua que nos impusemos.

É como se fosse combinado, no entanto apenas o bom senso dita nosso comportamento. Sentamo-nos à mesa e conversamos amistosamente. Meu pai acha às vezes de reparar no quanto pareço abatida, e enquanto pede informações sobre algum contrato que nossa firma fechou com as subsidiárias, não se esquece de incentivar-me a comer um pouco mais. A mulher dele passa-me com

um sorriso amável este ou aquele prato, instando para que eu repita, e diz que o havia preparado por conhecer minha preferência; então eu me sirvo e dou uma sugestão para o jantar, que ela acolhe com simpatia.

As crianças estão à mesa — e não podem saber de nada.

1º de janeiro

Grávida outra vez! Vai lhe dar o quarto filho nesses quatorze anos de inferno, e o que poderei fazer para impedi-lo? É agora que a vejo sorrir do fundo de sua palidez, porque é uma mulher fértil, deita-se com o homem que ama e lhe dá filhos! É agora que reconheço em seu sorriso o sorriso daquele que vence, e nos filhos, o verdadeiro, o único troféu que podia ser erguido em nossa liça — e que o foi, por ela! A derrota assim é mais amarga, mas derrota ou vitória, de que vale uma ou outra se a destruição recairá sobre ambas?

2 de janeiro

Continuo, vez por outra, colocando-me sob sua janela enquanto estão na cama, ouço os gemidos de gozo dos dois e tento imaginar o prazer que ela sente ao tê-lo em si — e é quase certo ela saber que eu estou ali, prestando atenção em tudo, por isso zomba de mim com seu sorriso doente.

Ela sabe que eu sonho com o dia (que não virá) em que meu pai entraria em meu quarto e, vendo-me nua, deitar-se-ia sobre mim para atravessar-me com seu...

Por que, por que não consigo escrever o nome daquilo para o que não há sucedâneo possível? Oh, meu pai, ainda que tenha desprezado o meu amor; ainda que o meu corpo lhe tenha causado repugnância no dia em que apareci nua à sua frente, e lhe mostrei o sangue infértil que corria de mim — tanto lhe custaria fazer-me mulher? Fazer comigo o que fazia com ela, com a mesma força, o mesmo vigor; e minha cama produzir estalidos semelhantes devido a violência de seus movimentos? Ou terei eu de usar meu dedos, minhas unhas? Rasgar meu hímen envelhecido e duro com uma gilete?

1º de julho

Mas desta vez há de ser diferente. Decidi pôr um ponto final nisso tudo!

14 de julho

Somente eu e você, meu pai, sabemos que não foram complicações de parto. Sim, eu o fiz — fiz, porque não havia nada mais sensato a ser feito, além de acabar com essa agonia. Mas fica tranqüilo: eu serei para essa criança — e para as outras — a mãe... que “partiu”.

19 de outubro

Hoje você morreu, meu pai, mas esteja certo de que sempre soubemos fingir muito bem. As crianças nunca souberam de nada, e por isso não sofreram, embora eu saiba, para o ódio que leva consigo ao túmulo jamais hei de alcançar perdão. Como me redimir dos meus crimes, pergunto-me agora, a não ser punindo-me a mim mesma com o sacrifício do que resta de minha vida, dedicando-me à felicidade dessas crianças que, contudo, desprezo? Esse há de ser o meu castigo: dar-lhes os meus dias para que elas sejam felizes.

A última anotação do diário de Marta, tinha a data da véspera de sua morte:

10 de novembro de 197...

O que me consola é saber que eles hão de ler isto.

Regresso à Vida

(um conto de fadas)

(À memória de Aníbal Machado,
cujo “Viagem aos Seios de Duília”
me sugeriu o tema desta história.)

m sua viagem de regresso, Duarte recorda. Passaram-se 60 anos desde o dia em que vira Mabelzinha nua na cachoeira — de tudo, a única lembrança para a qual o tempo parecia ter parado.

O vilarejo de Taquaral como que se dissolvera em imagens confusas, manchas esbranquiçadas que mal desenhavam umas ruas, umas casas, vultos passando sem peso, sem rosto, algum dia vivos...

Não chegou a conhecer a mãe. Quanto ao pai, para recordar-se daquele homem forte e atarracado, de membros vigorosos, olhar direto e incisivo, bigode espesso; de fala portuguesa e maneiras corteses, recorria a velhos retratos, tão antigos e amarelos e gastos que também se haviam tornado manchas, nódoas, sombras que no papel sugeriam o homem, mas não o traziam de volta... Não era, portanto, a lembrança do pai que o reconduzia, velho, à terra de sua infância, nem alguma outra que pudesse encontrar entre os velhos retratos, não, mas como que um eco — não de um som mas de uma imagem, não de voz mas de luz, qualquer coisa que parecia perdida feito esquecimento e que de repente ressurgia, avultava...

aconteceu um dia tinha dez anos então

Ali, num tope de morro onde a estrada que vinha do arraial se dividia: ladeira abaixo, ia dar numa casinha cujo telhado entrevia-se embaixo no arvoredor; entrando na mata, convertia-se numa trilha quase intransitável que uma centena de metros adiante descia, prolongava-se, torcia-se numa acentuada curva para a direita, e por fim a cachoeira...

lugar desde então mágico para ele revia-o com a clareza da memória preservada a época antiga de volta em recordações cada vez mais nítidas mínimas o passado ressurgindo quase materialmente à sua volta à medida que entrava outra vez o agreste

esse agreste imóvel no tempo a envolvê-lo a edênica quietude da mata rompida vez por outra pelo canto dos pássaros pelo vento na ra-

magem e o roçar dos galhos essa a voz do ermo secular imutável e quem sabe por isso mesmo a mantê-lo indene ao ermo não ao velho nele a buscar alguma coisa mais que perdida desfeita transportando-o o velho para ontem não o ermo que nele permanecia imóvel

Que naquela tarde, ao entrar na trilha, o menino Paulinho parou para mirar um bem-te-vi com o bodoque que sempre levava ao pescoço, mas o bem-te-vi voou antes que ele atirasse e foi cantar num galho mais alto. Entre a ramaria densa, varada por esse mesmo sol de agora, o cântico em coro do bem-te-vi lá no alto, do vento nas folhas, do rumor da cachoeira além da curva, era como um hino à vida.

Com a fuga do passarinho, ei-lo de novo a correr trilha adentro rumo à descida. À curva. À cachoeira. À visão deslumbrante: lá estava Mabelzinha — nua! — sobre a pedra, brilhando ao sol o corpo molhado, moreno. Duarte se lembra: o espanto o obrigou a ficar ali, parado, olhando, enquanto ela após um gesto indefinível de susto ou momentâneo recato sorriu para ele e, tranqüila, jogou sobre o corpo nu o vestido fininho de chita, e desceu da pedra.

— Quê que há, Paulinho? — perguntou com indiferença, no rosto uma vaga expressão de malícia. — Nunca viu mulher nua? — Passou por ele e se afastou na trilha, deixando-o ainda tonto no mesmo lugar.

Embalado pelo passo vagaroso do cavalo, e como se visse Mabelzinha acenar para ele na distância dos anos, Duarte sorri em resposta. Mas do menino que a vira nua na cachoeira não sabe o que fora feito.

Sabe apenas que não tinham irmãos: ele, àquela altura, não passava de um moleque de onze anos; ela, com treze, principiava a tornar-se adulta — mas, no isolamento do sertão, o que a impediria de continuar criança por um pouco mais de tempo? “Vou ser sempre criança, Paulinho” ela disse um dia. Ele baixou a cabeça, pensou um pouco, respondeu: “Você vai fazer treze anos, depois catorze, não demora e logo se casa”, “que nada” ela retrucou, “eu te espero crescer e me caso contigo.”

Não moravam no vilarejo: uma estradinha que saía a leste de Taquaral torcia-se mata adentro por uns três, quatro quilômetros, ia dar em dois sítios. Um deles pertencera ao avô de Mabelzinha, que fora para ali com mulher e filhos pequenos quarenta e cinco anos antes. Onofre, o caçula, tendo-se casado aos vinte e cinco com uma jovem do vilarejo, foi o único que permaneceu no lugar; os outros haviam partido. Para os pais, cujo futuro já não oferecia perspectivas, tanto importava ir como ficar; como pesassem as mazelas, o reumatismo, a idade, “é sempre melhor estar perto do recurso”, partiram também.

Mabelzinha nasceu pouco tempo depois.

O outro sítio fora comprado por um português quarentão cuja esposa, apática, amarela, ostentando uma imensa barriga, morreria um mês depois de dar à luz um forte garoto pesando quatro quilos. O português, que se mudara para aquele ermo decidido a desbravar a terra sertaneja, apesar do desgosto do luto, manteve seu propósito, e o menino Paulinho foi crescendo livre na largueza do campo, no isolamento da mata, tendo como sua companheira a garota do sítio vizinho. Na idade escolar percorriam juntos todas as manhãs a estrada para o vilarejo, ao meio-dia a percorriam de volta; não se apegando aos colegas de escola, estavam sozinhos, mas o mundo era seu...

Seu, e nada parecia ameaçar sua paz, a felicidade simples que tinham como única fortuna.

...até o pai de Paulinho tomar uma decisão inesperada: ir embora do lugar.

Quando seis meses antes seu Mário disse ao filho que iam para São Paulo, o menino ouviu a notícia em silêncio, baixou a cabeça e ficou cismando. Meia hora depois exclamou: “Mas por quê?” e o pai, que se esquecera do que havia dito, estranhou a pergunta e se surpreendeu com o olhar ansioso, aflito, do filho. Começaram então os protestos, “eu não vou” dizia, “nem adianta”, e seu Mário ensaiava umas explicações confusas, “vou ficar nem que tenha de fugir para o mato” obstinava-se, “por que tenho de ir contra minha vontade?”

Os dias transcorriam em sua calma costumeira, os preparativos para a viagem adiantavam-se, Paulinho já não era o mesmo. E se Mabelzinha às vezes, para irritá-lo, fingia não dar importância ao fato, não conseguia evitar uma lágrima renitente quando o menino lhe esticava os olhos grandes, tristes, desesperados. Ela então o abraçava com ternura chamando-o de bobo, e, correndo-lhe os dedos pelo cabelo, dizia: “Não fica triste, meu menino, a gente ainda vai brincar muito quando você voltar a passeio.” E ele, aninhado em seu colo: “Será que vou voltar?”.

Não voltou.

Na véspera de partir (uma semana depois do incidente na cachoeira) foi à casa de Mabelzinha despedir-se. Durante essa semana — a mais penosa daqueles seis meses, a mais breve — passaram quase todo o tempo juntos. Ele em nenhuma ocasião se referira ao acontecido, não por causa dela que, decerto, pouco ou nenhum pejo teria em falar daquilo, mas por si mesmo, que só em pensar punha-se escarlate — e se Paulinho não o soube então, só muitos anos depois, confuso e triste, veio a dar-se conta de que tudo o que levava dali era aquela imagem, não de carne mas de luz, e aquele momento, não de tempo mas de vida.

A despedida foi longa, e se teve muitas lágrimas, poucas foram as palavras, nenhuma a esperança de volta. No dia seguinte bem cedo Janjão, o

dono do armazém de Taquaral, os levou em seu calhambeque até a cidade. Daí, pensaram na terceira classe de um trem para São Paulo. Lá, era outra vida, o mundo estranho e imenso, a cidade a engolir as pessoas, menor o sentido de ser livre. Um dia — quando? — Paulinho percebeu que havia partido para sempre.

Taquaral, minúsculo e perdido entre montanhas, voltava-lhe vez por outra ao pensamento; fragmentário, ressurgia meio às preocupações de agora: a doença do pai, o emprego, as contas a pagar, os compromissos, os estudos... Mas se ao deitar para dormir o sono não vinha, de olhos fechados no escuro revia: o armazém do Janjão, único no vilarejo, grande e bem sortido — “carne-seca, salame, goiabada em lata...”; a botica a que as famílias mergulhadas no sertão recorriam em busca de soro contra picada de cobra, remédio para gripe, emplastros, fortificantes...; o Cartório, que funcionava numa dependência da botica, onde uma vez por mês aparecia o escrivão para registrar alguma criança ou fazer um raro casamento; a capelinha branca onde só se rezava a missa de quinze em quinze dias, e o resto, marginando a rua única, estreita, de chão batido e ensaibrado, pouco mais de uma dezena de casas. Ao fim da rua, na saída do vilarejo, a escola — alguns bancos, mesas compridas, o quadro negro — e seu Horácio, um professor velho e rabugento que sabia aplicar a palmatória (Paulinho, quantos bolos levaria!, depois das aulas Mabelzinha consolando-o, passando suas mãos leves nas dele quase em sangue). Por fim, ao lado da escola, a figueira grande, em cujo tronco rústico entalhara certa vez um coração varado por uma flecha, e uma inscrição, “Paulo e Mabel”.

*o renascimento da memória
como se em seu regresso ele também renascesse
que voltava a Taquaral sessenta anos depois para renascer volta-
va como se fosse para a vida*

Parou o cavalo num outeiro de onde começaria a descer. Até ali todo o percurso fora de subida, costeando a serra. O caminho estreito continuava o mesmo, as riscas paralelas deixadas pelo calhambeque do Janjão, nítidas, como se ele continuasse ainda a passar por ali. “Vai ver um filho dele, ou um neto, conservou o calhambeque.” Do outeiro olhou as montanhas azuladas esfumando-se no horizonte, muito além das copas verdes da mata que se estendia pelas vertentes, todo o ermo como que suspenso não na luz absoluta a insinuar-se permanente e afixada em definitivo em uma tarde sem fim, nem na sonolência dessa mesma tarde cujo calor uma brisa clara e suave arrefecia vez em quando, não, mas como no silêncio do tempo, impoluto e imóvel, que a própria voz do agreste não rompia. Cheirou com satisfação o ar perfumado, respirou várias vezes, com vagar: começava a incomodar-lhe o cansaço, e no entanto fizera só a metade do caminho. Tocou o cavalo,

manso e sonolento, preguiçoso nos primeiros passos, resignado e servil seguindo em frente.

Quando passou a refletir sobre os nomes — pois em seu regresso já não se chamaria Dr. Duarte.

Depois de Paulinho viera Paulo, aos vinte anos despachante de loja numa pequena rede comercial da capital do estado. Quatro anos depois, devido ao seu desempenho e eficiência, fora promovido a fiscal, passando a ser o fiscal Duarte. Aos vinte e seis perdera o pai, sua única família, e ficou sozinho. Dez anos mais tarde, gerente de uma das filiais, mudara outra vez de nome: “seu Duarte”. Não mais Paulo, Paulinho então... Paulinho se perdera, Taquaral não havia mais. Para seu Duarte havia apenas a gerência, a loja, a responsabilidade... Aos cinqüenta, um dos diretores e principais acionistas da rede que abrangia agora supermercados, hotéis, joalherias, tornara-se o Dr. Duarte. Enriquecera. Os dias antigos, um morto sepultado feito indigente num túmulo qualquer — e cujo número não havia ou esquecera. Os anos continuaram a correr, só o momento presente o preocupava, e nesse momento só existiam a empresa, as ações, sua cadeira na diretoria, investimentos, dinheiro... Até tornar-se o único dono de tudo — uma ampla rede comercial e industrial a expandir-se além-fronteiras, em cujo início, com meia dúzia de lojinhas, trabalhara como despachante.

Terminara a grande batalha que envolvera o Dr. Duarte toda a vida. E então, com seus mais de setenta anos velho para novos projetos, sentiu uma espécie de irremediável incompletude. Não se casara, não tivera um amor, nem filhos — estava só.

Esse pensamento converteu-se numa monomania, começou a avaliar sua vida: atos dos quais nem sempre podia orgulhar-se; conquistas alcançadas às vezes por caminhos escusos a incomodarem-no em suas reflexões, que procurava atenuar por meio de umas justificativas incertas para depois tentar esquecer; a satisfação que poderia advir de tudo isso... mas ao fim de suas meditações a invariável pergunta: “E daí?”. Dias e dias deixava-se ficar em sua varanda, sozinho, na modorra das tardes quentes e abafadas, esquecido do charuto que se consumia no cinzeiro, olhando para o jardim, meditando. Batia com indolência no teclado do computador: estava tudo ali, ao seu alcance, era o resultado de sua vida, mas no fim lá se ouvia, renitente, a pergunta terrível: “E daí?”

Uma tarde deu consigo mesmo na varanda a dizer, alheio, distraído:

— Daria tudo para ser Paulinho outra vez, em Taquaral.

Um senhor ao seu lado, com quem passara as últimas horas discutindo a melhor estratégia para alcançar o controle do mercado de laticínios, não compreendeu e o olhou com um sorrisinho dúbio. Duarte disfarçou, mudou de assunto pigarreando e apontando números nos mapas exibidos pelo monitor. Mas na insônia daquela noite, ao espiar através da janela de

seu quarto as luzes da cidade, viu ressurgir de um tempo que não mais julgava seu uma lembrança, uma figura, um nome:

Mabelzinha

Partiu cedo na manhã seguinte.

Ao alugar um cavalo a “um senhor distinto, bem vestido, o carro dele é aquele ali, olha, estacionado no posto de gasolina, sim, distinto, mas muito esquisito”, o dono do animal perguntou:

— A sua graça, qual é?

Num gesto mecânico, visualizando o caminho para Taquaral (onde só mesmo a cavalo poderia entrar), correu os dedos pelos cabelos brancos, respondeu, o olhar parado nas montanhas ao longe:

— Paulinho.

O outro o olhou espantado, mas ele já montava e seguia estrada afora.

Meteu-se pelo caminho antiqüíssimo mas muito pouco ou nada diferente, e sentiu-se só. Pensava no absurdo da aventura. Talvez Mabelzinha já estivesse morta — era até provável que sim, mas se ainda vivesse seria uma velha, talvez meio corcunda pelos anos, de olhos amortecidos e cabelos ralos formando coque na nuca. Teria um cachecol de lã grosseira no pescoço para evitar constipação naquele clima úmido, e tantas rugas na cara como linhas num mapa. Suas mãos, murchas e trêmulas; áspera a voz a ralar com os netos. Chegava a vê-la arrastando os chinelos atrás de um garoto peralta que lhe fugia fazendo cabriolas.

Todavia sorriu, respirou fundo tentando esquecer o cansaço, “há séculos não cavalgo, ainda mais tanto assim”. Mas apesar de sorrir, sentiu uma fisgada lá no fundo, e reconheceu sua velha companheira tristeza. Uma pergunta — “Por que voltar agora, tão tarde?” — comprimiu-lhe de repente o coração por ver na figura imaginada o que teria sobrado de Mabelzinha, se ainda vivesse — da Mabelzinha de corpo luminoso e belo que vira nua naquela tarde, não figura esbatida em sua lembrança como os velhos retratos, mas íntegra e viva, perfeita e plena.

Foi por volta das quatro da tarde que chegou a Taquaral, depois de quase sete horas de cavalgada, e apesar do cansaço que o exauria, já nas imediações do vilarejo experimentara uma sensação desconhecida: a de que voltava não ao lugar, mas à época de sua infância.

tudo estava como então

nada havia mudado

o mesmo povoado deserto como o próprio ermo suspenso não nessa luz absoluta ou nessa sonolência mas na imóvel quietude do tempo

Ali o armazém do Janjão, mais além a botica, a capelinha, a dezena e meia de casas... Passou em frente ao armazém sem parar, mas duma olhadela para o interior reparou no homem que atendia a dois ou três fregueses: tão parecido, com a testa alta e aquelas repas de cabelo grisalho saltando dos lados, devia ser um neto do antigo Janjão... ou seria o próprio Janjão? Cruzou toda a extensão do povoado, e apesar de uma ou outra pessoa aparecer à rua, ou notar a presença de senhoras costurando às janelas, não foi olhado com curiosidade, como se todos o conhecessem e todos os dias fosse visto por ali. Ainda no fim da rua, a escola, e o homem que acabara de sair da classe e entrar na casa ao lado pareceu-lhe — Deus do Céu! — o velho Horácio!... Chegando junto à figueira não se conteve: desceu do cavalo com esforço, aproximou-se. Abismado, olhou o desenho e a inscrição que fizera há tantas décadas: estavam como se ainda ontem os tivesse riscado com seu canivete. Correu os dedos pelo tronco áspero, sentiu uma aflição no peito, não chorou. Cada vez maior, o cansaço tornava penosa a viagem, mas agora que faltava tão pouco tinha de ir em frente: montou outra vez, não sem esforço, e seguiu.

Afastou-se do vilarejo devagar.

Só se importava com Mabelzinha, e de novo pensando no quanto havia mudado de nome nesses sessenta anos, refletiu que ela também não se chamaria mais Mabelzinha. Certo dia, moça feita, passara a ser Mabel; depois, casando-se, dona Mabel e, por fim, envelhecendo, tornando-se avo, bisavô quem sabe, dona Belinha...

Duarte sorriu, balançando a cabeça. Dona Belinha...

Deteve-se à saída e olhou para trás: de longe, ao sol das quatro horas nesse verão escaldante, numa onda de vapor subindo da ruazinha ensaibrada Taquaral como que flutuava, etéreo, e uma ou outra voz que vinha soava não só distante mas irreal. Esgotado, limpou o suor da testa e do rosto com um lenço, tocou o cavalo, que prosseguiu vagaroso e sonolento, o ermo dormindo sob o calor.

Aos poucos, Duarte se aproxima.

Chegou ao topo da ladeira de onde se via, embaixo, um telhado entre o arvoredo, e à direita a trilha que levava à cachoeira. Não agüentou mais e apeou, o corpo doído da esticada em lombo de animal, coisa que há dois dias atrás nem ao menos cogitava. E só então sua idade se fizera sentir, plena, em músculos e ossos e nervos. Nunca estivera tão cansado!

— Ai, Deus! — gemeu. — Também, depois de tantas horas numa sela!... — Passou a mão pelo cabelo, olhou em volta respirando fundo, murmurou: — Tudo como naquele dia... — Olhou para a casinha embaixo entre as árvores: — Deve haver alguém lá, tem fumaça saindo da chaminé. Não mudou nada a casa que foi do seu Onofre.

Deu dois ou três passos na estrada, e sentiu as juntas doerem. Tentou desempenar as costas meio curvadas, soltou um gemido.

Depois fixou o olhar na fumacinha branca que subia:

— Será que ela ainda está aí?

Respira com esforço, mais forte a opressão no peito.

— Terá netos... estará velha como eu, a minha Mabelzinha. Valerá a pena revê-la assim? Valerá?... O que posso trazer-lhe de bom agora, quando a vida se perdeu e em seu lugar ficou isto?... Nada, nada a não ser um tanto de amargura e algumas lágrimas inúteis, num reencontro mudo em que não teremos nada a nos dizer, talvez ficarmos só olhando um para o outro e dando-nos conta não de que tenhamos vivido ou sonhado, mas de que, vida ou sonho, o que sobrou é muito pouco para compensar o sacrifício...

Duarte chegara ao fim de sua viagem.

Só agora, porém, sobrevinha a dúvida, só agora ponderava não sobre o bom senso desse regresso, nem sobre a lucidez desse abeirar-se no tempo para buscar aquilo que deixara em seus meandros, não, mas sobre a duvidosa licitude desse ato.

— E ela, o que poderia ter para mim agora, a não ser sua parcela de amargura e lágrimas?

Seus olhos pousaram na trilha.

— Não, não é justo que lhe venha tirar o descanso agora, ainda que tenha chegado até aqui... mas a cachoeira... sim, lá seria bom ir, rever, porque foi lá... naquele dia...

E assim o velho Duarte renunciou ao reencontro pelo qual voltara ali, sessenta anos depois — um reencontro não com a vida, não com o passado ou a infância, mas com o horror, e entrou devagar pela trilha.

A mesma capoeira daquela tarde. Um bem-te-vi cantou, próximo. Ergueu os olhos: o mesmo?, lá estava ele, naquele galho. Cantou mais uma vez e voou, e Duarte prosseguiu trilha adentro. De longe vinha o rumor da água nas pedras, uma brisa úmida e reconfortante em ondas entre as folhagens.

A custo desceu a ladeira, segurando-se nos galhos, nas raízes, no barranco.

Contornou a curva.

Parou.

Não de cansaço agora. De espanto.

*a cachoeira a água caindo rumorosa e fria o poço a pedra
e ela*

a menina

Mabelzinha

Sim, Mabelzinha, sua Mabelzinha! Lá estava ela, nua sobre a pedra! Toda a exuberância de seu corpo jovem, moreno e molhado, ao sol! Toda a beleza de seus cabelos negros descendo pelo peito e escondendo os seios! Mas desta vez, nenhum gesto de embaraço ou vergonha.

Desta vez, o sorriso. Apenas o sorriso.

Pois Mabelzinha nua, jovem, menina, sorria — sim, sorria para ele, velho, a olhá-la com assombro.

E Duarte viu-a que se aproximava, que lhe tomava as mãos, apertando-as com calor.

— Paulinho — seu olhar noturno perdendo-se no dele, ou ele, quem sabe, submergindo naquele negrume —, você demorou tanto a voltar!... Ah, Paulinho, eu esperei tanto tempo! E você vem tão abatido, tão cansado... o que foi que lhe aconteceu?

Duarte não compreende.

Sente as pernas fraquejarem. Tenta firmar-se nas mãos da menina, mas em vão...

Cai vagarosamente na relva macia.

A cachoeira, a brisa na mata, o bem-te-vi... todos cantam, em coro, uma canção fúnebre em louvor da morte.

Inverno após um funeral

Niu descerem o caixão e ao longe ouvia o batuque da bateria e dos foliões no auge do desfile, e viu jogarem a última pá de terra, o batuque prosseguindo como insólita sonoplastia, filhos-da-puta, que festejam quando minha Ninica é sepultada, que não ligam para minha dor, nem mesmo se lembram de que ela é morta, a mesma que naquela tarde adolescente lhe atirara um cravo detrás de uma árvore com um sorriso de menina sapeca, bochechas em fogo por causa do sol e dentes separadinhos dizendo já de volta da escola, Alvinho? e ele respondendo já sim, e cheio de deveres para fazer, por que você não vem estudar comigo? e ela fora, ambos conversando estrada afora sem se importarem com o sol nem com a poeira, a mesma que, ainda naquela tarde, ao despedir-se dera-lhe um beijo na face dizendo eu gosto muito de você, coisa que ele notara e retribuía mas não se animando nunca a declarar, barrado pela corda espinhosa da timidez, as vezes um entrave em sua vida, vencendo-a porém naquele momento em que a puxou para si, colou-a contra seu peito, Ninica, você é a garota mais linda do mundo e eu estou louco por você, e a beijou enfim na boca sentindo sua língua misturar-se com a dela e passear por aqueles dentes separadinhos, a mesma ao fim do beijo ainda com as bochechas em fogo, já não pelo calor do dia pois o sol se pusera havia horas, mas pelo contentamento e pela surpresa, essa uma paixão que se prolongaria uma vida inteira até que a morte os separe amém (e a morte os separava finalmente), a mesma menina dessa tarde antiga agora dentro daquele buraco murcha pelos anos e em seu novo estagio, o da tabidez irrefreável, enquanto o carnaval rolava embriaguez e lascívia pelas ruas. Álvaro, o velho Álvaro, agora que se fazia crepúsculo e após toda a tarde ao lado da cova, voltava para casa então um mausoléu pestilento, com a pestilência que a morte deixa quando se afasta, e ouvia o cada vez mais frenético batuque, os gritos da multidão tomada por Momo, esse maldito carnaval que nunca suportei, e essa raça irreverente que não pára um só momento para refletir que minha Ninica está morta enquanto eles pulam de alegria, e agora é como se tudo estivesse perdido definitivamente porque ela estava bem morta, ele também sentindo-se morto, ah, como nos foge a vida, dizia para si mesmo, porque naquela manhã em que acordara pela primeira vez ao lado de Ninica no paiol de milho depois de toda uma noite juntos sobre as espigas, havia vida com abundância, e era tanta vida que parecia sem fim, e,

assustando-se quando o galo cantou abriram os olhos vendo que já era dia, e agora Alvinho? se meu pai me pega aqui como você ele me mata, mas não matou coisa nenhuma porque ela teve tempo de correr e entrar em casa pela janela do quarto, o branco das pernas em harmonia com a luz da manhã, aquelas pernas que ele só conhecera pelo tato na escuridão do paiol, macias e rechonchudas, firmes e roliças, que pernas quentes, meu Deus! como era quente todo aquele corpo de catorze anos, é tão farta a vida que se diria imutável, e se viesse a acabar um dia, esse dia demorasse tanto que não chegasse nunca, mas que não demorou a passar e em verdade tudo aquilo tendo acontecido apenas ontem, porque de repente as coisas começaram a mudar tanto e tão rápido que havia uma semana eram ainda os meninos se amando no paiol e hoje ele vindo do sepultamento de Ninica sessenta e sete anos depois. Deixou para trás a alegria alardeada pela multidão nas ruas, mais intenso o batuque agora que se fizera noite, entrou em casa, e ela não estava ali para recebê-lo, ela que, à sua espera todas as tardes quando vinha do trabalho, o recebia “cheio de vontades” mas tão sem forças que ferrava no sono mal punha-se na cama, a mesma que outras vezes bastava estar com ele sob os lençóis, sem ao menos se tocarem, apenas um sentindo a presença do outro para que se satisfizessem, ela que outras horas numa carícia com as unhas longas fazia-o sentir como que uma descarga elétrica subir-lhe pernas acima arrepiando-o todo, sendo impossível resistir mais, e deixando de lado o cansaço entregavam-se toda a noite aquele amor insano, sim, insano a palavra exata, a mesma que usara certa vez, antes de se casarem, após uma trepada gostosa em pleno meio-dia no estábulo, rápido porque alguém pode aparecer, Ninica, quando dissera insano aquele amor, “por quê”? perguntou ela, e ele não soube responder, esse mesmo amor há apenas uns poucos dias impossível, porque a despira no quarto evocando o passado, ela deixando cair sensual e lasciva as peças de cima, depois as de baixo, por fim a calcinha de rendas cor-de-rosa com fitinha de cetim, mas o corpo que lhe apareceu não podia ser o dela porque sua Ninica não era murcha assim como uma passa ressequida, nem magra assim com pelancas flácidas nos braços nas pernas na barriga e nos peitos, não possuía aqueles pêlos tão ralos e brancos, um rosto tão palpavelmente em frangalhos que ele lhe dera as costas sentindo uma fisgada por dentro para deparar-se no espelho com outro homem que não podia ser ele, porque ele também não tinha aquela cara de bunda, nem todos aqueles ossos estufados sob o couro de boi magro, nem aquela aberração mole entre as coxas pois quando Ninica estava com ele não ficava mole nunca, mas logo sentiu a mão da velha tocar-lhe o ombro, é o fim, Alvinho, porque nosso tempo já passou, o tempo passa pra todo mundo e tinha de passar pra nós também, mas Ninica, onde foi parar tanta vida? e ela não respondeu de imediato, mas após refletir disse não sei, só sei que se toda aquela vida mudou e se

dissolveu, o amor não porque o amo como no dia em que lhe atirei um cravo detrás da árvore, lembra? então ele puxara aquele monte de pele e ossos juntando-o consigo mesmo ossos e pele e disse Ninica, nosso amor é ainda o mesmo amor insano do dia em que gozamos juntos no estábulo, você também se lembra? e ela fez que sim, esquecendo-se um nos braços do outro conscientes de que seu tempo extingua-se. Como nunca antes, naquela noite comeu só, porque das outras vezes Ninica estava ali para insistir com ele que comesse mais, você precisa se alimentar bem e na “idade do fogo” acrescentava senão depois não agüenta nem duas vezes mas ela sabia que ele agüentava bem mais de duas vezes, e ao jantar a sós aos oitenta e cinco anos de idade, ouvindo o agora longínquo batuque pelas ruas na última noite de carnaval, a comida sabia a mofo e podridão e mesmo o deitar-se na cama vazia do corpo que estivera ali por todas as suas noites era como deitar-se sobre o mármore de um necrotério, e naquela noite não dormiu porque a primeira, comprida demais, da separação; outras noites semelhantes viriam, mas aquela, a primeira, era por certo a mais medonha, ao longe os tambores agonizando e ele revendo a vida em *flashbacks* a esmo dentro da cachola senil, desde o dia em que foram surpreendidos quase gozando no meio das bananeiras do sítio e das folhas de malva que ele trazia para esfregar-lhe o corpo, por causa do cheiro que combina com o cheiro da tua pele, meu amor, medonho o escândalo com o pai dela querendo estrangulá-los a ambos e que não sossegou enquanto não os viu casados como se fosse preciso me obrigarem a isso, Ninica, se era tudo o que eu mais queria na vida, até o primeiro filho que tiveram, até o segundo, o terceiro e resolvendo parar no quarto porque filho demais dá muito trabalho, Alvinho, e ele pensava da mesma forma, com o tempo voando e os meninos crescendo, os dois mais velhos na universidade e os mais novos no colegial, depois o casamento dos quatro, e os netos, a casa cheia de netos, e todos os finais de semana reunida a família, aquela criançada toda, são tantos, Ninica, que as vezes me confundo e não sei quem é filho de quem, ela concordava, que eu também me confundo em certas horas mas é tão bom que eles estejam perto de nós porque assim não nos sentimos tão sozinhos, mas nós nunca estaremos sozinhos, Ninica (ela compreendeu o que ele queria dizer), e assim foi, os anos passando, novos netos, os mais velhos na escola, os mais novos nos braços, alguns engatinhando, mil artes, tanta desordem, mas no fim das contas é estupendo, Ninica, porque a vida é mesmo infinita e veja como se multiplica e espalha; acho mesmo que somos eternos, ela concordava, com mais de vinte crianças em volta nos finais de semana, ou vinte e cinco, não sei bem, quanto são mesmo, Ninica? são vinte e sete, querido, vinte e sete! exclamava reforçando é, a vida não tem mesmo fim, e ela movia afirmativamente a cabeça, cabelos em coque, até o dia em que o filho mais novo morreu e a vida pela primeira vez mostrou-se precável, o

final de semana cheio de silêncio, as crianças sem sua algazarra costumeira, lá se foi nosso caçula, Álvaro, e ele concordou com um fechar de olhos lento e cismador, pobre rapaz, e ficam órfãos seus cinco filhinhos, precisamos cuidar bem deles, Ninica, mas a viúva não suportando a falta que fazia o falecido viajara para a casa dos pais no Mato Grosso e nunca mais voltara, e eles só viram aqueles netos a partir de então nas fotos que chegavam todos os anos, cada vez maiores e mais bonitos, Álvaro, e ele concordava com um sorriso, sempre melancólico e breve, e viram morrerem os outros filhos, e ele imerso numa confusão dos diabos com aquelas mortes, que eles são tão jovens para morrer, Ninica, que vida é essa, meu Deus, que um dia parecia não se acabar mais? e viram a casa esvaziar aos poucos até certa tarde de outono quando ele estremeceu e disse estamos sós, e ela ficara por um comprido minuto olhando os escarros do tempo naquele rosto que um dia fora belo, para replicar como podemos estar sós, Alvinho? e foi ele então quem compreendeu e sorriu com amargura abraçando-a por toda a tarde na varanda, que era sábado e os outros sábados haviam sido tão alegres e festivos, tão cheios de crianças que agora o mundo parecia inteiramente vazio, e ficaram lembrando que a vida acabara em alguns pontos, dispersara-se em outros, a garotada crescera, eles não mais que dois velhos esquecidos, quem liga pra velhos, Ninica? tentava conformar-se sem entender ainda como aquilo pudera acontecer, e ela fazia que sim com a cabeça são jovens, é o tempo deles, estão fazendo suas vidas, os estudos, os namoros, são eles que vivem agora, Álvaro, mas Álvaro não queria crer, porque difícil demais aceitar que já não eram os mesmos há muito tempo. Era madrugada quando repassava sua vida: estava com Ninica certo dia na varanda e um moço forte e queimado de sol lhes apareceu e disse num sorriso vivo que ele, Álvaro, reconhecia seu, mas de dentes separadinhos como os dela, se o conheciam, claro que não, meu rapaz, e ele disse o nome, não, e olhou para a mulher com cara de dúvida, de nome não, e ele enfim falou sobre o pai, Ninica, é filho de nosso caçula, chega do Mato Grosso! e era mesmo o filho mais novo, teria trinta anos feitos e viera para o Rio concluir o curso de medicina, e foram tantos abraços, tantas perguntas de como vão todos, e seus irmãos não quiseram vir? por quê? temos tantas saudades, meu filho, e veio o café com bolachas que Ninica fazia como ninguém, é o único que nos procura, Ninica, disse mais tarde, os outros todos nos esqueceram, e quando um ano depois voltou para o Mato Grosso estavam sós outra vez, não, Álvaro, Alvinho, nunca estaremos sós. Todo o verão passou afundado na quietude interminável da casa, uma caverna pré-histórica onde cenas remotíssimas pareciam ganhar vida, somente porém em sua cabeça de velho, depois veio o outono desfolhando mais sua velhice e a fragilidade dos seus ossos, porque com a morte de Ninica, após aquelas semanas de doença em que ela vomitava placas negras que não se discerniam, a vida se declara-

va que por ter início tem fim também, e esse fim, o pressentia agora tão próximo como nunca antes, nem na época da morte de cada um dos filhos, nem na época da solidão em que se viram esquecidos, nem quando o único neto que se importara com eles partira de vez, e só quando ela morrera pôde pressentir assim, essa vida dos anos de juventude morria aos poucos com o aproximar-se do inverno que já se insinuava pelos dedos do outono com beliscões de frio, aquelas noites de névoa e geada vez por outra, de vento e chuva, porra de garoa como doem meus ossos com esse frio, até que o inverno chegou e foi justo no dia em que se lembrava promiscuamente de beijos juvenis arrancados com paixão daqueles lábios e das placas negras que ela vomitava no período final da doença, em que revia os seios firmes dos dezesseis anos, abrindo-lhe a blusa com vagar e olhares plenos de malícia, e a pelancada da velhice naquela noite miserável de reconhecimento em que chegaram à conclusão de que não sobrava muito deles, que o inverno veio encontrá-lo, entrando por sua casa com uma brisa branca de frio que cheirava a juventude e a tûmulo ao mesmo tempo. Álvaro pressentira-o então seu último inverno, talvez o mais comprido e frio, em todo caso o mais triste, e pressentira com o mesmo dom que o fizera conhecer que ela morreria no quarto enquanto ele urinava no banheiro, um dos poucos momentos em que a deixara só, minha pobre Ninica, você se foi numa hora em que eu não estava contigo, com o mesmo dom que o fizera sabê-la grávida do primeiro filho antes mesmo que ela pudesse ter alguma certeza numa madrugada em que acordou com um canto de coruja na janela do quarto e despertando-a dissera Ninica, eu vou ser pai, e ela o chamara de bobo, como você pode saber se nem eu mesma sei ainda? mas a confirmação vindo dois dias depois com o exame, o mesmo dom que o fizera saber naquele dia com ela nas bananeiras que seu pai iria aparecer por ali ao que porém não ligou muito porque natural que se sentisse apreensivo, até que o homem apareceu mesmo e aí foi o diabo, o mesmo dom do pressentimento que o fizera saber ainda garoto, ao conhecer Ninica, que aquela que ali estava com a mãe nos degraus da varanda, num vestidinho vermelho muito curto e uma flor branca nos cabelos seria sua por toda a vida, desde esse momento apaixonando-se por ela, e ao pressentir aquele o último inverno de sua senectude mortîça teve um estremecimento como tivera ao ver sua casa, um dia cheia, novamente vazia, e sentiu-se um tanto inquieto porque amava a vida sabendo-a entanto nos estertores, e porque não poderia suportar mais a solidão daquela casa interminável de corredores intermináveis, de salões intermináveis, tudo tão grande e tão interminavelmente só, nem o arrastar dos próprios chinelos pelo chão que seus passos artríticos obrigavam, soando como o esfregar palhas de aço nas costas de um rinoceronte dentro de um túnel, nem as batidas do relógio de parede do século XIX pois cada badalada lembrava os sinos da igreja no dia do seu casamento e, por últi-

mo, no dia em que ela morrera, Ninica, é como se esse relógio tivesse aprendido a imitar aqueles sinos, e imita tão bem que parece vivo, tanto que há momentos em que penso ver seus ponteiros apontarem para mim, seus números me dizendo “VOCÊ”, e não suportaria sentar-se só a mesa, deitar-se só na cama, estar só na casa se para tudo isso durante a vida sempre tivera alguém consigo, desde quando eram dois apenas, até se tornarem seis, dez, vinte, trinta, e gradativamente voltarem a ser dois de novo, nem o olhar de piedade dos vizinhos, coitado do velho, perdeu a mulher e agora anda tão só, nem a solicitude piedosa de moço da padaria ou do supermercado, da moça que limpa a casa e faz minha comida que todos estão com pena de mim, detesto que tenham pena de mim porque não sou nenhum desgraçado, é preciso que eu grite que fui um homem feliz toda a vida? pois eu grito, EU GRITO!! fui um homem feliz, seus filhos-da-puta, mas eles são pessoas bondosas e não sabem que sua piedade me machuca, Ninica, não podia mais suportar porque até os móveis pareciam ter pena dele naquela solidão ao quedar-se de pé como um fantasma desvalido na sala de jantar olhando as mesas e as cadeiras, imóveis e silenciosas em reverência a sua amargura, ou ao deitar-se, o guarda-roupas, o criado-mudo, a cama, como se estivessem ali, servis, para que sua dor fosse respeitada, e rompia noites sem dormir pensando no passado e em toda aquela vida tão abundante que se diria não ter fim mas que se fora escoando pelos ralos do tempo como água pelo ralo do banheiro, até não sobrar mais que resíduos de vida, simples resíduos enfermicos que ele ainda podia arrastar pelas horas sem remédio, todas as noites numa cama que parecia laje de necrotério, e todas as manhãs ao sair no quintal para aquecer-se ao sol, que o sol de inverno não esquenta nada, Ninica, que só teu corpo tinha calor que me satisfazia, aquele corpo não mais agora que um fardo obscuro escondido no fundo da terra, tão frio como carne de vaca no frigorífico, tão cheio de furos como um queijo de Minas, e esses resíduos incômodos tornando-se pesados, por que não acabar de vez, droga? sabendo porém que o momento não chegara ainda, que o inverno friíssimo ia somente a meio e só morreria no final quando o inverno também morresse e o levasse consigo, mas apesar de tudo lamentava o fim e mesmo não suportando mais tudo aquilo ainda queria viver. Na noite que precedeu sua morte, já excessivamente fraco como se tivesse de movimentar-se numa atmosfera densa como água, em que um frio começou a enfiar-se-lhe entre os artelhos e arrepiar-lhe o cabelinho das pernas, varar-lhe a pele instalando-se nos seus ossos descalcificados, no sangue viscoso e grosso, nos nervos retraídos e desobedientes, em que buscou um pouco de ar fora do quarto deixando o vento frio iludi-lo com uma falsa nova-juventude, e observar assim a rua silenciosa da madrugada com lâmpadas e postes perfilados sumindo-se na esquina e não ver ninguém nessa rua absurda, diabos, onde se meteram os milhões de habitantes desta

cidade de isolamento? e com isso aquele frio aumentar em seu corpo e ele se sentir tão só como nunca imaginara pudesse estar desde que tu foste para longe, Ninica, nessa noite reviveu as lembranças últimas, sim, as últimas, porque amanhã eu vou embora, “vou embora pra Passárgada”, uma Passárgada impalpável e fluida muito distante mas que, todavia, fica logo ali, e assim reviu-a moça, corpo rijo, seios durinhos em suas mãos, pernas roliças, farta de carnes de uma cor rosa claro, sabor meio salgado na barriga e o cheiro de malva nas coxas, em todo o corpo, reviu-a com aqueles dentes separadinhos, olhos grandes, fogo nas bochechas, correndo em sua direção ou atirando um cravo detrás de uma árvore, passeou pelo passado pulando no entanto os momentos de angústia, e embora sua imagem a vomitar placas negras ousasse aparecer, logo a afastou pois não queria ir-se com pensamentos tristes e sim pensando em toda a juventude de sua Ninica moça e sedenta, a mesma que, ardente, passara a noite com ele no paiol sobre as espigas, a mesma que, faminta, se dera toda no estábulo ao seu macho vigoroso, a mesma surpreendida pelo pai trepando com ele nas bananeiras, e que dissera certa vez não haverá solidão para nós, Alvinho, mas eu agora estou só, que não posso compreender isso, e perguntava de si para si mesmo como solidão no fim de uma vida onde ela jamais tivera lugar? e o porquê de tanta vida ter-se extinguido? que começou a extinguir-se ao morrer o primeiro filho, que se esvaiu quase toda quando ela vomitava as placas negras, e quase apagou de vez no instante em que ela morreu só no quarto enquanto ele mijava no banheiro, toda aquela vida ilimitada e imutável, como pode mudar desse jeito e desse jeito ter um fim estúpido? até um momento de surpresa em que um galo ergueu seu canto na manhã nascente e esse canto soou como um grito de alerta num quintal longínquo (outro canto de galo como eco em sua memória ou talvez não outro mas o mesmo porque exatamente igual refletindo porém que todo galo canta da mesma forma, esta por incrível que possa parecer sua última e inacabada reflexão: não a vida ou seu termo improvável, não o corpo nebuloso de Ninica jovem e bela formando-se na névoa que o sol erguia de chão úmido, nada disso, apenas a similitude prosaica do canto dos galos), o sol começando a iluminar a cidade, e ele caiu morto, sem compreender (nem sequer ter pensado nisso) que seu espaço no mundo assim como o dos seus filhos, o de Ninica e o de todos que morreram antes dele por todos os séculos era exigido de volta para que outro viesse também temporariamente ocupá-lo, ali, portanto, naquele lugar e momento, o término daquilo que um dia parecera interminável.

O Coágulo

avia sangue...

— Mas foi tão sério assim?

— Bem... minha mulher andava muito nervosa e... e às vezes, sabe como é... às vezes a gente não se controla... oh, meu Deus!... — esfrega o rosto com as mãos, numa exasperação mal contida.

— Mas acalme-se... fique calmo e fale.

— Eu me lembro bem de ter visto sangue... mas é quase somente isso de que me lembro... bati-lhe, dei-lhe uns tabefes ... foi só, mas acho que bati com força... não o suficiente para machucar muito... além do mais foi um impulso... embora isto não justifique.

No crepúsculo chuvoso, o carro avança sobre os reflexos das lâmpadas no asfalto molhado ao longo da avenida. Outros carros passam com seus faróis acesos, pessoas transitam com suas capas de frio, a metrópole agasalhada prepara-se para a noite.

— Faz um bom tempo que não a vejo — diz o outro.

— Você não tem aparecido...

— Essa vida corrida, você sabe... mas, e ela?

— Esteve fora por um mês... mais ou menos... devido à doença da mãe. Mas não foi só por isso, sei que não foi... mesmo com a mãe doente poderia ter vindo em casa uma ou duas vezes, ou ligado, ou dado notícia... A verdade é que Helena queria livrar-se de mim por algum tempo.

— Você suspeita de... uma infidelidade?

— Não... isso não... A Helena?... Oh, não, Otávio, a Helena... nunca! Foi só mesmo para livrar-se de mim por uns tempos...

Otávio reduziu, concentrando-se agora no trânsito mais lento. Mais adiante, porém, abre-se uma brecha, que ele aproveita pisando no acelerador...

— E é só voltar para casa, vocês brigam outra vez...

O homem dá de ombros.

— Mas o que ela fez, afinal? Por que brigaram agora?

— Nos últimos tempos vínhamos tendo discussões constantes... Uma situação que já me exasperava... daí ela deu para humilhar-me...

— Humilhá-lo... como assim?

— Dizia coisas... enfim, você sabe, eu não tive um começo muito brilhante e... a verdade é que nunca fui muito brilhante em nada... e até

hoje... — olhou o outro com um riso fugidio. — Mas ela sabia disso quando nos casamos, não sabia? Sabia! Ela sabia que eu não era um homem de situação...

— Mas hoje — o outro insistiu, sem desviar a atenção do volante —, como foi que começou?

— Do mesmo jeito que das outras vezes... não me lembro bem... enfim, por um nada, uma ninharia qualquer... é sempre assim que essas coisas acontecem... Creio que ela começou a criticar alguma coisa que eu havia dito, sim, creio que foi isso... aí eu também disse coisas e...

— ...e ela respondeu, na certa.

— Sim...

— E você acabou dando nela...

— É.

— E pelo visto machucou-a...

O carro agora desacelerava, deixava a larga avenida para penetrar numa ruazinha estreita de prédios cinzentos e escuros onde, nessas paredes largas, raro em raro abria-se uma portinha que dava para o acanhado interior de uma bodega mal iluminada, os fundos de um beco, um sombrio corredor.

Um cãozinho branco surgiu subitamente de uma dessas portinhas estreitas e avançou pela calçada, enquanto uma mulher gorda saía em seu encalço.

Otávio guiava devagar; de repente ingressou outra vez no trânsito tumultuado de uma rua larga que conduzia ao centro da cidade.

— Você tem alguma arma em casa?

— Não... isto é, eu tinha uma... mas há algumas semanas desfiz-me dela... eu não gosto de armas.

— Melhor assim. Numa dessa brigas, nunca se sabe...

— Ora, eu nem sei atirar direito...

— Mas ela sabe.

O homem olhava através do pára-brisa. Logo seria noite fechada, e o nevoeiro que descera sobre o centro no começo da tarde dissipara-se quase por completo. Somente ao longe as lâmpadas ainda tinham seu brilho ofuscado e a massa dos prédios parecia dissolver-se delicadamente, como numa aquarela. O homem olhava, mas estava distante de tudo.

— Ela gosta de flores — diz, parecendo mais calmo, e sorri. — Violetas — volta-se para o motorista —, são suas prediletas. Mês passado fiz um canteiro de violetas para agradá-la... um canteiro só de violetas... de que adiantou?...

— Ela não gostou?

— Gostou, não gostou, que importa?... Um lindo canteiro no quintal atrás da casa... Tudo que eu queria era um pouco de paz dentro do meu

lar, e no entanto... Ah, Deus, Deus!... — e curvou a cabeça para o peito, escondeu o rosto entre as mãos; a calma dava lugar agora a um desespero contido que se podia perceber nos dedos lívidos que comprimiam as faces, na respiração entrecortada, nos soluços que lhe sacudiam os ombros. — Havia sangue, Otávio, havia sangue!...

— Você não deve atormentar-se tanto, homem! Procure acalmar-se e ver que a situação pode se encaminhar para melhor... Não é você o primeiro homem que bate na mulher e que depois se reconcilia com ela...

Otávio desvia momentaneamente as vistas da rua, olha para o amigo.

— A propósito, o que é isso em sua mão? Você se machucou?

— Hein?... Ah, isso? — e exibiu o corte mais ou menos profundo, visível na borda inferior da mão direita. — Não foi nada sério... machuquei-me hoje de manhã com a tesoura de podar, ao apanhar a caixa de feramentas.

— Deveria ir à farmácia fazer um curativo. Parece sério.

O outro olha o ferimento por muito tempo, sem responder, e ainda em silêncio enfia as mãos nos bolsos do blusão; relaxando um pouco, recosta-se no banco e volta a olhar para adiante.

A viagem prossegue em silêncio.

Quando o carro estaciona, numa ruazinha sossegada de bairro da periferia, Otávio, curvando-se para a direita, abre a porta para o amigo:

— Ademir, meu caro, você está em casa.

— Obrigado, Otávio... se não fosse tê-lo encontrado, ter vindo com você, eu nem sei...

— Quer que eu entre? Talvez com uma boa conversa os ânimos melhorem.

— Não, Otávio, hoje não... um outro dia, certamente, mas hoje... é comigo mesmo, sabe?, eu é que devo tentar... você entende — e faz um gesto vago.

— Entendo, claro — sorri. — Boa sorte, então.

O homem desce, o automóvel arranca, a ruazinha está deserta.

É noite quando Ademir, antes de entrar, espiando a casa às escuras, murmura qualquer coisa:

— Violetas...



O homem entra e acende a luz da sala. A primeira coisa que vê é o retrato da mulher na parede: o vidro está partido na moldura, no chão cacos e gotas de sangue coagulado.

Escuta uma voz que vem do quarto:

— Querido, é você?

A voz dela! Ah, Ademir rejubila-se, corre, entra no quarto com o adorado nome nos lábios...

— Helena!

...acendendo a luz:

— Helena...

Mas o quarto estava vazio. Ele fica parado olhando a cama, que não fora desfeita. Tudo está em ordem no aposento, quase palpável o silêncio que faz ali.

Ademir deita-se e de novo murmura:

— Violetas...

Estira-se na cama, mas se levanta quase em seguida, sai, passa pela sala olhando o retrato da esposa na parede com o vidro partido; ameaça esmurrá-lo, mas se contém. Recolhe a mão com desespero, contraindo o rosto:

— Não — diz baixinho, juntando os braços à altura do peito e levando as mãos fechadas à boca, os olhos arregalados de pavor —, não farei isso de novo!... Juro que não!...

Sai para o jardim, parando em frente ao canteiro de violetas que havia feito para ela. Por muito tempo permanece diante do canteiro, vigiado pelo olho solitário de uma lâmpada do outro lado do muro.

“Parece um túmulo.”

Então volta para dentro de casa e, com método, tranca as portas, as janelas, apaga as luzes. No escuro, põe-se de pé a um canto da sala, imóvel, de cara pra parede, os olhos abertos como se encarasse a Morte.

Em algum momento (a que horas?), batidas enérgicas na porta da frente. Do lado de fora, uma voz:

— Senhor Ademir, é a polícia. O Sr. está em casa?

O homem não se altera. Nenhum músculo se contrai. Diz baixinho, consigo mesmo, como se fosse um segredo:

— Minha mente... coagulou-se... feito sangue.

Nova batidas na porta. A voz outra vez, do lado de fora:

— Abra, senhor Ademir, aqui é a polícia. Sabemos que está aí.

Uma chuva fina cai sobre a cidade e um vento cortante varre ilusões. Um denso nevoeiro outra vez desce, lenta e silenciosamente, dentro do qual todas as coisas se convertem em expectativa e agonia.

O Funeral de um Homem Simples

Sou um homem simples. Melhor dizendo, fui um homem simples, porque o que os senhores estão presenciando agora é o meu funeral, e o que fui na vida deixei de ser a partir do momento em que deixei a vida — e nisso há uma lógica tão trivial e evidente que nem precisaria ser dito, não fosse minha falta de jeito com as palavras, não fosse minha falta de jeito com tudo mais, conforme os senhores verão no decorrer da narrativa que ora inicio.

Fui um homem simples, não tive grandes ambições, nada fiz de importante, e é certo que bem poucos hão de sentir minha falta, já que passei pela vida como quem caminha numa rua em tarde de chuva: encolhido e pouco visível. Dito desta maneira pode muito bem parecer que eu não teria muito a falar de mim: afinal, o que terá para dizer após sua morte um homem que nunca foi nada a não ser apenas mais um entre os apagados e obscuros, e que possa interessar aos outros a ponto de que alguém gaste seu tempo com tal leitura? Sempre questionei essa mania que têm as pessoas públicas de escreverem autobiografias com a presunção de que suas vidas — e seus feitos — são tão importantes que todos se interessarão em conhecê-los. Apesar de minha posição invariavelmente crítica acerca de autobiografias, aqui estou eu fazendo a minha — breve e resumida, mas que não deixa de revelar um aspecto comum tanto às pessoas públicas quanto a um pobre-diabo como eu: a vaidade. Uma nota: acabo de dizer que esta será uma autobiografia breve e resumida, o que não é exato e está em contradição com o que disse mais acima: como resumir aquilo que de per si já é um resumo? Além do mais, não sei quanto tempo terei ainda para falar: tantas histórias ouvi acerca da vida após a morte, em tal confusão me puseram a cabeça padres, pastores e pais-de-santo, que não tenho sobre esse assunto nenhuma idéia conclusiva e, portanto, não sei o que me acontecerá de ora em diante. Isso, porém, não importa muito no momento: meu objetivo é falar não tanto da minha vida (mesmo sem saber se o que direi há de chegar ao conhecimento das pessoas vivas, ou se só os mortos me ouvirão), mas da maneira como vejo as coisas em meu estado atual.

Outra nota: observo que falando do meu atual ponto de vista, isto é, o ponto de vista de um defunto — que pode olhar à roda de si e não ter mais preconceitos —, faço-o com uma clareza que não tive até estar morto, e chego à conclusão de que a vida nos tolhe o entendimento; por isso antes

de, efetivamente, começar, pretendo falar dessa clareza com que agora vejo as coisas e com a qual consigo analisar o que foi minha existência: é que em vida nunca fui muito brilhante; enfim, não fui de forma alguma brilhante, e reconheço em minha insuficiência o grande empecilho para o sucesso — não tive sucesso algum — e minha ascensão na sociedade — que não aconteceu. Nunca, porém, me dei conta disso, nem mesmo me preocupava minha vida apagada, coisa que no entanto enxergo agora com tamanha evidência que chega a pesar-me. Resta nesta história o receio de parecer piegas, mas por quê? O sentimento verdadeiro talvez nunca seja piegas, então, sejamos francos: dói-me esse reconhecimento, e se isso é parte dos castigos que me estão destinados a fim de purgar-me dos meus pecados, confesso temer os que estão por vir. Mas não convém especular sobre questões metafísicas: o que está por vir não é tema para esta narrativa, e sim aquilo que infelizmente passou, e que está se passando nesta hora em que vejo ali, em cima daquela mesa ornamentada com uma toalha branca e umas flores miúdas e sem graça, o caixão em que puseram meu corpo e ao redor do qual algumas pessoas se detém olhando ou com curiosidade ou com indiferença, mas certamente sem nenhuma piedade — até se retirarem para algum canto, falando em voz baixa numa reverência falsa.

Como disse acima, fui um homem simples.

Meu pai nasceu e viveu toda a vida numa dessas cidadezinhas de interior em que as pessoas de um modo geral se conhecem bem entre si e onde as casas comerciais são mencionadas não por seus nomes mas pelos de seus proprietários. Assim, não se falava na Loja Lãs & Linhas, nem na Farmácia Santa Iligênia, mas no armarinho do seu Godofredo e na botica do Zé Alves, sempre com essa intimidade de família típica dos vilarejos. Aí nessa cidadezinha meu pai, dono de uma barraca na feira onde vendia legumes, conheceu minha mãe, filha do seu Godofredo da Loja Lãs & Linhas, uma moça por nome Teresa de seus vinte e poucos anos, robusta e feia, com quem resolveu se casar pois já passava dos trinta e era de opinião que homem de respeito não passa dos trinta sem ter família estabelecida. Antes de mais nada, não me julgue mal o leitor pelo fato de eu dizer que minha mãe era uma moça robusta e feia: porque ela, de fato, o era: robusta, de carnção firme e saúde farta; possuía bons dentes, lembro-me deles pois mamãe tinha o hábito do sorriso — atestado pelas fotografias que deixou, em todas seu riso largo e espontâneo feito uma marca registrada —, e a vida seria para ela uma inesgotável fonte de risos e alegrias, mesmo que em algumas ocasiões tenha chorado. Mamãe também tinha bochechas salientes, coradas, costumava andar com os cabelos presos na nuca e uns fiapos esvoaçando ao redor da testa larga, o que aumentava o tamanho de sua caraça gorda e alvar. Após o casamento e, pelos anos subseqüentes, engordou bas-

tante, e mesmo já bem idosa o que se via nas fotografias era uma mulher jovial e rotunda, saudável feito uma leitoa cevada. Contudo, nunca foi bela: era feia, dessa feiúra simpática que entenece, agrada à vista, e foi certamente isso — além da premência de se casar — que levou meu pai a pedir sua mão, concedida após — segundo consta — um breve exame em que o futuro sogro pesava os prós e os contras do futuro genro e concluía que estes seriam menos relevantes que aqueles, donde que o candidato à mão da filha pareceu-lhe se não ideal, pelo menos aceitável. Assim meu pai escolheu a moça e casou-se, em seguida deixou a feira e a barraca de legumes e foi gerenciar o armarinho do Seu Godofredo, meu avô, que o recebeu como um filho — pelo menos a o dizia minha mãe — e com um sentimento de alívio, já a ansiar por sua aposentadoria. Teresa, minha mãe, era filha única, e embora o patrimônio de vovô não fosse grande coisa, ela o herdaria sozinha, e para as dimensões de tal lugarejo não se poderia ambicionar mais. Do casamento vieram os filhos, meu pai deixou crescer os bigodes e a barriga, pois acredito como também de seu parecer que todo homem de negócios devia ter bigodes e uma barriga proeminente em sinal de seriedade (além de jamais sair de tamancos à rua, pois os tamancos expressavam intimidade doméstica, que não ficava bem exposta ao público). Candidatou-se a vereador pelo partido do governo, pois não via com bons olhos as novidades — sempre fora fiel adepto da rotina —, e o governo, certo ou errado, era para ele aquele que tinha todas as condições de evitar essa quebra de rotina que tanto o assustava. Candidatou-se duas vezes e perdeu, mas como comerciante respeitável não ficou de fora: recebeu um cargo comissionado e, mais tarde, uma secretaria. Desempenhou mediocrementemente suas funções, e quando retornou para o balcão de sua loja, fê-lo de cabeça erguida: não se apropriara do alheio, mantivera suas idéias (em toda sua estreiteza) e sua postura, continuara amigo de todos. Certa manhã quando minha mãe, respeitando o hábito, foi levar-lhe um café, encontrou-o debruçado e adormecido sobre uma peça de linho que pusera no balcão para cortar. Tocou-lhe o ombro para adverti-lo de sua chegada, mas meu pai escorregou lentamente para o chão... Aquele foi o fim de sua vida obscura quando ainda não havia completado cinqüenta e cinco anos. Minha mãe lhe sobreviveria por três décadas; não se casou novamente por pensar que não seria agradável ao marido morto (devia crer que seu espírito rondasse pela casa, pela loja às vezes), e creio também que por não ter necessidade de ninguém: assexuada como boa matrona, não carecia do corpo de um homem na cama, bastava-lhe a companhia dos filhos.

Não custa lembrar que tive nove irmãos: éramos dez ao todo, nascidos assim: uma menina, um menino, outra menina, outro menino, e com essa intermitência até mim, o último da ninhada. Formávamos uma família pequeno-burguesa de província, mas de uma província tão apagada que até

mesmo os mapas se recusavam a registrar, por isso estávamos predestinados à obscuridade: nem eu nem meus irmãos seríamos grande coisa. Poder-nos-íamos dar por satisfeitos com o consolo dos humildes: tínhamos um “nome” e o dever de “zelar” por ele — o que, com poucas variações, norteou os rumos em nossa família. Infelizmente agora que vejo tudo tão bem, dou-me conta de que tal consolo não basta, não passa de um subterfúgio para os fracos, os pobres-coitados, os sem-eira-nem-beira não sucumbirem ao peso de seu mediocrismo, e sou forçado a compreender que em nosso mundo essa falsa qualidade não tem nenhum valor. Por hora, contudo, deixemos de jeremiadas e sigamos com meus irmãos.

Se fosse falar deles — dos nove! — minuciosamente... ao contrário do que pode parecer, encheria quando muito umas duas páginas — três ou quatro, se manuscritas. Porque não há, absolutamente, o que falar daqueles nove infelizes que se ali nasceram, ali ficaram no estreitamento dos seus dias, andando com botas de chumbo atrás da vida sem se aperceberem de que calçavam botas de chumbo. (Não, pouco importa o que significa isto de botas de chumbo, vamos aos fatos!...)

Minha irmã mais velha casou-se por volta dos vinte anos; imitando mamãe, engordou horivelmente, teve alguns achaques e uma infinidade de filhos, e tudo isso o marido suportou com paciência. Quando deixei o vilarejo e resolvi aventurar pelo mundo, ela continuava engordando e tendo filhos, e o marido continuava suportando pacientemente.

A mesma regra foi seguida pelas outras, exceto pela terceira, que morreu antes de completar doze anos de um sarampo mal resguardado, sem ter tido tempo de entrar no jogo; e pela última, cuja única diferença consistia em levar, vez em quando, umas surras do marido que se embriagava, e continuou apanhando ainda por muito tempo até que este se cansou de bater e deu no pé. (No dia em que deixei aquele lugar, carregava nos ouvidos o barulho do berreiro que faziam ambos nessas contendas medonhas, pois não podendo revidar as pancadas minha irmã vingava-se com as unhas, e tantas bordoadas levava quantas unhadas desferia na cara e no corpo do homem, de tal forma que no dia seguinte saíam à rua ela com seus vergões, ele com lanhos profundos nas bochechas e no pescoço.)

Quanto aos meus irmãos, há tanto o que dizer deles quanto o que disse delas: o mais velho substituiu minha mãe no balcão da loja, meteu-se a crente e constituiu uma família muito distinta, muito santa, conforme manda o Senhor. O segundo tornou-se um bêbado inveterado. Incomodava a todos com seus escândalos, e um dia, ao dizer uns desaforos a certo mascate de passagem pela cidade, este deixou em sua barriga uma das reluzentes facas que figuravam entre as bugigangas que vendia. Nesse dia deu-se um fato singular: minha mãe, que costumava rezar o terço por volta das seis da tarde, no meio da reza abriu os olhos e disse que tivera um mau pressen-

timento. Levantou-se imediatamente e foi ferver a água para o café, afirmando que iria receber visitas naquela noite. Abriu alguns pacotes de biscoito e pôs os biscoitos num boião verde de louça que imitava mármore, presente de casamento, explicando que se as visitas chegassem tudo deveria estar à mão. Duas horas mais tarde chegava a notícia do crime. Lembro-me então de ter visto minha mãe muito calma diante da desgraça, ainda que consternada e de olhos vermelhos; mas nesses olhos julguei ler uma expressão de vitória: “Eu não disse que teríamos visitas?”

Dos outros dois, um andou daqui pr’ali, dali pra lá, de lá pra cá, sem saber que rumo dar à vida. Adquirira fama de conquistador e diziam ter desencaminhado umas moças. Isso dera o que falar: alguns pais, alguns irmãos andaram em seu encalço, mas não por muito tempo: nenhuma barriga cresceu nas imediações da vila, nenhum ventre arredondou — ou por ser mentira o que corria ou pelas precauções que acaso ele tomava —, e logo as histórias foram esquecidas — para serem lembradas acidentalmente aqui e ali, mas sem graves conseqüências. Não quis saber do balcão da loja, preferiu a feira, depois abandonou a feira e pensou que no fim das contas o balcão da loja (onde o mano mais velho precisava de ajuda) não seria tão ruim; novamente insatisfeito, resolveu dedicar-se à agricultura, depois à criação de galinhas, de peixes, e quando parti ainda não tinha se firmado. O outro seguiu os passos do primeiro, casou-se e, para imitar as irmãs, engordou. Andava desleixado e com a barba por fazer; era comum vê-lo de bermudas e a camisa pra fora das calças atravessar a rua todos os dias à hora do almoço com seu passo lerdo, para comprar uma garrafa de refrigerante no botequim — e nessas ocasiões, e em quase todas as outras, não regateava o uso dos tamancos, já que para ele a idéia de privacidade associada pelo mais velho à intimidade doméstica simplesmente não existia. Também adquirira o mau hábito de arrotar alto, não lhe importando a presença de pessoas de fora. A mulher pôs-lhe uns chifres que ele preferiu ignorar, mas como não tardou ser abandonada pelo amante resolveu aquietar-se e se tornou fiel — o que me leva a crer que sua crise de infidelidade fora apenas isso, uma crise. Meu irmão, que fizera vistas grossas, sorriu satisfeito, tornou-se crente juntamente com a mulher regenerada e, com maior propriedade, passou a tratar por “irmão” o mano mais velho.

Por fim, eu — o último dos moicanos —, ainda novo mas já tendo testemunhado em parte e suspeitando outra parte tais ninharias, tomei uma decisão inabalável: ir embora. Não me interessava o destino, bastava-me deixar para trás a vilazinha, a família obtusa, a poeira amarela daquelas montanhas.

Tinha vinte e cinco anos quando parti. Na rodoviária, agitando um lencinho branco, ficou minha mãe com suas pernas grossas, esculpidas em

relevo pelas varizes, enquanto o velho e poeirento ônibus seguia sacudindo ferros pela estrada sem pavimentação. Meti a cabeça pela janelinha, fiz um último aceno de adeus e recolhi para minha poltrona bem a tempo de evitar um galho que crescera um pouco além do que devia e passou rente à minha cara, batendo ruidosamente na lataria do ônibus. Nunca mais veria ninguém de casa e pouco ou nada me arrependo: mantive sempre correspondência com mamãe, que em suas cartas contava-me as novidades da terra e, toda chorosa, pedia-me que a visitasse. Respondia-lhe as cartas com regularidade, falava um tanto de mim e mentia outro tanto para não lhe dar preocupações. Fingia interessar-me pelos demais, perguntava ora por um, ora por outro, sugeria nomes para as crianças que nasciam e enviava lembranças. Quanto a visitá-la, talvez novamente ponha-se o leitor a condenar-me: creio que a regularidade da correspondência que trocáramos naqueles anos todos devia-se unicamente a um senso de dever, jamais a um desejo do coração. Não que não estimasse a velha: estimava-a, mas não me fazia falta vê-la, e quando, vinte e sete anos depois de eu ter partido, chegou-me uma carta assinada por uma das minhas irmãs, adivinhei que notícia continha antes de abri-la, e se abri foi unicamente para confirmar o que já sabia: mamãe havia morrido *desejando ver-me* (eu previra até esta observação feita em tom de censura, que ora grifo), e fora um custo achar meu endereço para avisar-me. Bem, fora avisado, mas mamãe já estava enterrada havia quase duas semanas e não me parecia razoável deslocar-me para aquela lonjura a fim de visitar uns ossos que nem ao menos poderia ver, bem escondidos sob a lápide do cemiteriozinho da vila. Assim, respondi à minha irmã — a mais nova, a que levava surras do marido — que sofria com a morte de mamãe, mas não podia ir por enquanto, visto que meu emprego requeria toda minha atenção naquela época do ano (aproximava-se dezembro), e continuei inventando umas justificativas empenadas para dar a entender que fora bem sucedido na vida e trabalhava para uma grande empresa na qual exercia uma função importante e não tinha como abalar assim de uma hora para outra. “Se pelo menos fosse encontrar mamãe viva...” concluí estupidamente, pois tivera vinte e sete anos para ir encontrá-la viva e nunca me animara a fazê-lo.

Em suas cartas mamãe me dava conta do dia-a-dia em casa e na vila, e como o leitor pode ficar curioso acerca do destino de meus irmãos, aí vai o que resta contar sobre eles (observando que as notícias não são frescas: datam da época em que mamãe era viva, e como já faz seus mais de vinte anos de morta, muita coisa deve ter mudado por lá desde então — do que não tive notícia alguma, visto que, após perder mamãe, perdi também e de uma vez por todas o contato com minha família): minha irmã mais velha encerrou gloriosamente sua prole, ao completar o décimo sétimo rebento e ouvir do médico que na sua idade era arriscado continuar dando à luz,

principalmente porque lhe aparecera um pequeno carçoço no útero. Minha irmã amou-se mas não teve réplica, e amargou uma sensação de inutilidade por muitos dias depois que o médico lhe exibiu seus miúdos num vidrinho de álcool, dizendo: “Bem, senhora, alegre-se: dezessete filhos — todos vivos! — e um tumor benigno não são menos que um belo motivo de orgulho!”. As outras não tiveram tantos filhos nem tumor algum: limitaram-se a continuar vivas e estúpidas. A mais nova, porém, abandonada pelo marido que, como disse, se cansara de surrá-la, enclausurou-se muitos anos, adquiriu ares de beata e dedicou-se unicamente a encaminhar na vida seus poucos rebentos, os quais, seguindo a regra geral da família, não deram grande coisa. Meus irmãos também ali continuaram, um atrás do balcão da loja seguindo os caminhos do Senhor, o outro — que deixara a igreja, enfadado de hinos e orações — com a barba por fazer, a camisa para fora das calças e os eternos tamancos de pau, o último ainda sem se definir.

Aí está, em linhas gerais — o que já me parece muito para gente tão miúda e triste —, o que foi minha casa e o povo que dela fez parte.

Quanto a mim...

Bem, enquanto falava chegaram algumas pessoas para o meu velório, e, como de costume, foram postar-se respeitosamente diante do caixão olhando-me com complacência. Aquela mulher magra é a chefe da repartição onde amarguei o meu sufocamento diário dos meus últimos anos de trabalho. Nunca gostou de mim, tratava-me sempre com ar de superioridade por trás dos seus óculos de míope, e ao incumbir-me de alguma tarefa fazia-o sempre como quem manda um garoto de recados à rua. Sim, nunca gostou de mim, então por que veio ver-me na situação um tanto ridícula em que me encontro agora? — pior ainda porque me vejo indefeso, pois, conquanto neste momento me sentisse capaz de lançar-lhe em rosto o desprezo que sempre lhe votei em retribuição à sua autoridade estúpida e aos seus óculos herméticos, não o posso fazer simplesmente porque não consigo (e qual morto o consegue!) articular uma só palavra, um único gesto.

Esta, de certa forma, foi minha maior atrapalhação na vida: a dificuldade de “botar pra fora” minhas ganas, enfim, de “explodir”. Quanta coisa suporrei calado, seguindo involuntariamente o provérbio que assevera “o bom cabrito não berra”, embora de bom cabrito eu nada tivesse, e o ódio que me remoía em certas ocasiões seria suficiente para fulminar um pelotão inteiro, se em vez de ódio fosse arma! Porque se o bom cabrito não berra, em muitas das vezes o mau cabrito berra ainda menos, retido por seus cabrestos naturais, pelas mordanças de seu temperamento, de sua timidez, por que não dizer de seu medo diante da vida?

Ora, pode parecer um contra-senso isto de medo diante da vida numa pessoa que deixou a casa dos pais ainda moço para ganhar o mundo. Seja um contra-senso, mas quanto medo tive sempre diante das coisas e das

peessoas cujas aparências me iludiam! Sair de casa na roça e vir para a cidade grande foi um dos raros gestos de audácia num moço interiorano que em certo momento ousou um sonho capenga. Mas uma vez que deixei tudo (e não era muito o que lá ficava, repito-o sem pejo algum) e aqui consegui me alojar, ah, que desânimo de voltar atrás, que ineficiência em progredir, que impotência! Arranjei um emprego num escritório de contabilidade e ali penei por dez anos. Ganhava mal, pagava com apertos o quarto na pensão, supria com apertos minhas necessidades básicas, vivia apertado. Tantos apertos espierraram comigo daquele emprego e daquele quartinho barato, e quando me vi sem trabalho valeu-me minha bonita caligrafia: aproveitaram-me numa empresa relativamente importante onde eu deveria escrever todas as cartas do diretor (não era ainda a época dos computadores e das impressoras a laser, e meu patrão achava que cartas datilografadas eram muito impessoais em certos casos), além do que meus préstimos podiam ser utilizados também em outras funções no escritório. Nesse novo emprego fiquei outros dez anos, o salário não era dos piores, mas os apertos continuaram mesmo depois que comprei uma *kitchenette* numa cabeça-de-porco da periferia (o que, diga-se de passagem, não foi um grande progresso: que rua mais feia aquela onde fora parar, que distância até o centro da cidade, quantos aborrecimentos tive com o encanamento, com a instalação elétrica, com o síndico! Bem, mas tudo tem um preço, e — perdoem-me o chavão — eu tinha de pagar o meu, além do que era apenas uma questão de interpretação: em vez de dizer “tenho casa própria, mas quantos problemas adquirir com ela!”, era o caso de ser otimista: “tenho problemas em minha casa, mas ela é minha e o meu abrigo está garantido”).

Como dizia, nesse novo emprego fiquei outros dez anos, e por último está claro que já não escrevia cartas: arcava com o papelório de praxe das casas comerciais: ofícios, memorandos, faturas, encomendas de material, pagamentos, etc. Até que me deu na veneta sair daquela rotina enjoativa — e foi então que tive mais um dos raros gestos de ousadia: pedi demissão e fiquei por quase um ano penando novos apertos e, já arrependido, correndo atrás de outro emprego. Quando consegui, decidi manter-me empregado até aposentar-me, e acabei ficando até muito tempo depois: certa manhã — nunca me esquece — chovia a cântaros e eu estava no centro da cidade, encolhido sob uma portinha num beco entre dois edifícios, praguejando, pois um momento atrás afundara o pé numa poça. Ainda estava em jejum, conquanto já passasse das dez horas, e a chuva não dava mostras de arrefecer, obrigando-me a continuar encolhido sob aquela portinha. Então olhei para o alto e avistei uma janela, bem entre os dois edifícios, através da qual lobriguei umas pilhas de papéis que pareciam acenar para mim. Deu-me na telha ir até lá e perguntar se havia alguma vaga. Havia, e resolvi agarrá-la com unhas e dentes. O salário era algo melhor que o anterior, e ainda enga-

nava o bolso com umas horas extras: no fim do mês conseguia até pôr algum na poupança para o caso de um imprevisto — e eis aqui um contrasenso de linguagem, pois se é imprevisto como eu podia precaver-me, prevendo-o, e por isso reservando uns trocados para a poupança? Curiosidades da velha língua lusitana, outras línguas terão as suas também. Deixemos, porém, de digressões fúteis e sigamos adiante: esse pequeno progresso fez crescer minha ambição: a cabeça-de-porco já não me servia e, como depois de algum tempo conseguira um pé-de-meia sofrível, vendi a *kitchenette* e comprei um sala e dois quartos num terceiro andar de bom aspecto, mais perto do centro e, o mais importante, por um preço bastante atraente. Eu estava com quarenta e nove anos e passava a desfrutar da maior conquista de minha vida! Na saleta onde fora meter-me naquela manhã de chuva trabalhei por dezoito anos, sempre envolvido com o mesmo papelório, mas procurando esquecer o tédio com o subterfúgio de que a vida era desse mesmo jeito e eu não poderia torná-la diferente, já que se tentasse corria o risco de acabar sem dinheiro para pagar minhas contas. O trabalho, que já conhecia dos empregos anteriores, não me parecia penoso: ainda que entrasse todos os dias às oito da manhã e saísse às cinco, a rotina fazia-se suportável. É verdade que havia aquela história do bom cabrito, aborrecimentos tive-os sempre e por toda minha vida, mas a tudo agüentei calado, não porque eu fosse um bom cabrito, mas por não saber berrar.

Nos meus últimos nove anos de emprego naquele escritório tive de aturar essa chefe magrela com todos os seus “maus bofes”. Lembro-me do dia em que a mulher assumiu a direção do escritório, recém-saída de uma universidade de administração de empresas. Nada sabia, e tudo foi preciso aprender ali, comigo, com os outros funcionários, mas assumia tal ares de importância que se convertia na própria personificação do anjo da verdade. Quando tinha dúvidas chamava o funcionário mais próximo e lhe perguntava:

— Sr. Fulano, o que pensa disto? — está claro que a pergunta não era para testar o conhecimento ou o desembaraço do funcionário, e sim para esclarecer sua própria ignorância, mas dava a entender justamente o contrário. Depois de ouvir a resposta, permanecia séria por algum tempo, olhando para o papel como se refletisse sobre o que lhe fora dito. Sem mais, ordenava que o funcionário retornasse à sua mesa e continuava serena, folheando papéis.

Diante de uma sugestão, costumava encarar de maneira incômoda o subalterno que ousara dirigir-lhe a fala sem ser interrogado. Tinha um jeito muito próprio de olhar de baixo para cima e franzir ligeiramente os lábios, enquanto escutava com uma paciência fingida. Continuava olhando durante meio minuto, a cabeça imóvel, os lábios franzidos, e apenas os dedos da

mão direita, que seguravam a caneta, ensaiavam umas pancadinhas no tampo da mesa. Por fim, dizia:

— Não creio que seja oportuno no momento.

Outra coisa odiosa, além do brilho dos seus óculos, era sua mania de considerar tudo inoportuno. Nenhuma idéia que não partisse dela lhe satisfazia, tudo lhe parecia fora de ocasião, e com que entono pronunciava aquele “não creio que seja oportuno” — para adotar meia hora mais tarde justamente aquela providência que lhe parecera inoportuna, porém agora como se fosse uma idéia sua.

Nos dias de maus bofes fuzilava, dava ordens com severidade, exigia tudo de todos e sempre ranzinza, a cara amarrada, os olhos despedindo raios. Não sei se a mulher era efetivamente má, ou se amargava algum despeito já em sua juventude — era jovem ainda, apesar de feia —, o fato é que sua postura de velha precoce valeu-lhe o bem aplicado apelido de “bruxa sem vassoura”, vingando-se dela quantos a conheciam com esse dichotes maldosos, risinhos de escárnio, gestos feios. Aturei-a mesmo quando já podia aposentar-me e dar adeus aos aborrecimentos, arrastei anos embaixo daqueles óculos odiosos, e — o pior — aturei-a feito o mau cabrito que não berra, mesmo porque era sempre o funcionário mais próximo, a quem a bruxa sem vassoura recorria na maioria das vezes e a quem dava todas as ordens imperiosas, e contra quem assestava o brilho fulminante de suas lentes ditatoriais.

Quando enfim me aposentei — mais para livrar-me da mulher do que por necessidade de descanso — tive o carinho de todos da repartição: fizeram-me um bolo, deram-me uma linda camisa, umas calças de bom corte, um chapéu de feltro como sabiam que eu gostava, mas a bruxa sem vassoura manteve-se ausente, distante, cumprimentando-me apenas por obrigação. Saí à rua naquele dia e respirei aliviado: tinha sessenta e quatro anos de idade e estava pronto para recomeçar a vida (ainda que não soubesse bem de que forma). Meu primeiro pensamento foi: “Estou livre da bruxa!” (Enganava-me: aí está a mulher, que aparece da maneira mais inesperada para ver-me em meu velório, quem sabe para censurar-me por ter morrido em hora *tão inoportuna*!)

Outros colegas de trabalho chegaram junto com a bruxa, vieram ver-me se me caí bem este terno definitivo em que acharam de me enfiar. Não creio que esteja mal, e se meu corpo tivesse um lampejo de consciência neste momento, certamente não ficaria ruborizado. A situação tem o seu tanto de ridículo, algo de espalhafatoso, pois não me entra na cabeça que um homem morto tenha de ser enfeitado com tantas flores (sempre achei que isto de flores fosse coisa de mulher), mas o certo é que não pareço mal. Vá

lá, estou bem, e o que prova isso são os elogios que fizeram ao serviço funerário e os movimento de cabeça em aprovação.

— Arrumaram tão bem o corpo — ouvi alguém cochichar em cima da minha cara há alguns minutos.

— Sim — outra pessoa respondeu, acrescentando o inevitável: — Parece estar dormindo.

Se fui um homem simples, também fui um homem solitário.

A solidão vinha-me de uma insuperável timidez e da eterna impressão de que, onde eu estivesse, todos estariam olhando para mim e descobrindo defeitos e deficiências que certamente se estampavam em minhas roupas, em minha cara, em meu corpo. À medida que envelhecia fui me dando conta de meu engano, de modo que à certa altura da vida meu pensamento havia mudado bastante, mas já não tinha remédio para tudo que perdera até então.

Era patético — sinto-o até neste momento em que todos os sentimentos já deviam ter um outro significado para mim — meu pavor diante da aparência das coisas, dos ouropéis que disfarçavam a realidade, pois sempre me deixei levar pelos ouropéis, pelos brilhos falsos, incapaz de ler nas entrelinhas. Por exemplo, se numa festa conhecia uma mulher bonita e bem vestida por quem me sentia atraído, intimidavam-me sua beleza e suas boas roupas, e ao mesmo tempo em que me apaixonava, descobria entre mim e o motivo de minha paixão um obstáculo que não poderia transpor. “Jamais se interessará por mim” eu pensava, “jamais olhará para alguém como eu”, e me punha a descobrir em mim defeitos para cada um dos quais, em contrapartida, encontrava nela uma qualidade. Se me parecia bela e se suas roupas tão bem lhe realçavam a graça, minha aparência é que não era das melhores, e pensava que se me aproximasse faria uma triste figura diante de sua recusa; no final da festa, se voltávamos para casa no mesmo ônibus, não havia como me compensar dos transtornos causados ao meu coração aquele amor surgido tão subitamente e tão inalcançável, pois não enxergava que éramos iguais e que ela estava ali, próxima a mim; que podia tocá-la se quisesse, e bem seria capaz que, se a tocasse, ao invés de um repelão obtivesse um sorriso de aquiescência. Assim recolhia-me, bisonho, no meu canto mais escuro, e continuava admirando aquela beleza, para muitos anos depois — e não poucas vezes isso aconteceu — deparar-me com a mesma mulher, já gorda e feia, os cabelos mal penteados e quem sabe arrastando uma criança pela mão rua afora, e então refletir: “É ela mesma, meu Deus, é ela mesma?!”

Lembro-me de uma em particular que conheci algum tempo depois de ter chegado à cidade. Fora a uma festa de aniversário a convite de uns amigos da repartição, e lá conheci uma adolescente de mais ou menos de-

zessete anos que me deslumbrou. Acanhado, não tive coragem sequer de tomar informações sobre ela, não perguntei seu nome nem se morava no bairro, e só por casualidade fiquei sabendo que se chamava Júlia e era sobrinha de um dos meus colegas de trabalho. Minha paixão por Júlia foi imediata, tão impressionado ficara com a beleza de seu rosto e de sua pele morena, de seus longos cabelos negros e de seus olhos grandes, mas principalmente de seu vestido confeccionado num tecido azul profundo como o céu noturno que lhe ia dar quase aos pés, sobre o qual jogara uma mantilha de renda negra. Era alta e bem feita de corpo, dominando a multidão de convidados com seu porte e sua altivez no meio do salão de baile, e mais ativa e distante me pareceu ao caminhar na ponta dos pés calçando uns sapatos de saltos muito finos e compridos, quase sem tocar o chão. Num momento deu com meu olhar sobre si e girou sobre a ponta dos pés para outro lado numa atitude de desdém, e entre assombro e pavor passei toda a noite recolhido a um canto, admirando-a, adorando-a como a uma divindade (e, por favor, perdoem-me se exagero, mas era isto exatamente o que ela me parecia). Voltei a encontrar essa jovem nas mais diversas ocasiões, até mesmo em sua casa, quando lá estive em companhia do tio umas duas vezes, e a cada encontro ela me parecia diferente, nunca a mesma em sua pujança e desdém. Eu nunca consegui vencer meu medo, dirigir-lhe uma palavra que desse a entender a paixão por que fora tomado ao conhecê-la, e mesmo quando a perdi de vista um ou dois anos mais tarde, ainda arrastei por muito tempo esse amor sem esperança que a cada noite invadia meu quarto num tumultuar de sonho e fantasia. Júlia, porém, não era a mesma quando a encontrei anos depois, acidentalmente, na entrada do metrô no centro da cidade, e se a reconheci foi porque lhe restavam uns ecos de sua beleza perdida, ainda inconfundíveis; contudo, eram apenas ecos, pois os cabelos estavam curtos e o rosto cheio das rugas de uma velhice precoce; via-a sorrir para uma amiga que seguia ao seu lado e notei num dos dentes da frente um princípio de cárie; os pés, metidos numas sandálias ordinárias cujas correias quase rebentavam, cobertos de poeira, mostravam veias alteradas que lhe subiam pelas pernas numa ramificação grotesca de varizes.

Júlia não me reconheceu, ainda que nos tenhamos encarado por uma fração de segundo; passou por mim e seguiu ao lado da amiga, e eu, perplexo, acompanhei-a com o olhar — e um cruel suspiro de alívio — até vê-la desaparecer na multidão que afluía à gare naquele fim da tarde.

Os lugares luxuosos também me apavoravam. Entrar num restaurante ou num clube de luxo era para mim uma verdadeira tortura: não apenas ficava ali pouco à vontade, como também sentia que o ambiente não era para mim, que nele eu estava “sobrando” e deveria, por isso, procurar os estabelecimentos próprios para alguém como eu: as bodegas de terceira categoria, os bares imundos onde os bêbados vomitavam nas calçadas e as

putas em busca dos seus clientes se embriagavam, dizendo palavras. Recordo-me de certa tarde em que caminhava por uma das ruas do centro e encontrei o Silvestre, um ex-colega de repartição. Fazia quatro ou cinco anos que não nos víamos, desde que ele deixara o escritório para ocupar um cargo de maior importância noutra firma. Agora o reencontrava vestido com apuro e bom gosto, um sorriso espontâneo e cheio de vida, surpreendendo-me ao aproximar-se com um rasgo de alegria, pois não o reconhecera de imediato. Mas logo ele apertava minha mão e arrastava-me a um restaurante, convidando-me para almoçar em sua companhia.

— Olhe, Souza — ele me disse enquanto escolhia um lugar e se punha à vontade —, já não tenho hora para almoçar. Veja, são três horas e ainda não comi nada.

Tratava-se de um ambiente fino e silencioso no qual as vozes das pessoas soavam comedidamente, como se a gente que ali freqüentava não necessitasse das palavras, bastando a telepatia para se comunicar e fazer-se entender. Dentre todo aquele brilho de espelhos e cristais, e da prataria e das porcelanas, dos trajes suntuosos e dos penteados das senhores que entravam e saíam, destacava-se minha mediocridade. Meu ex-colega ali estava em casa, eu por certo era estranho, e quando o garçom se aproximou olhou-me de alto a baixo como a se perguntar se eu, de fato, era convidado daquele cavaleiro de tão bela aparência. Senti-me abafado, não sabia o que escolher no cardápio todo escrito em língua estrangeira e somente fiz um sinal dizendo que “o que o Sr. Silvestre pedir estará bem”. Mal toquei na comida, provei o vinho com medo, e não conseguia responder às observações do meu amigo porque as palavras, que de ordinário nunca soubera dominar, então me fugiam com incrível rapidez. Comecei a suar frio quando me apercebi — mas ter-me-ei mesmo apercebido? Não terá sido apenas impressão minha? — de que na mesa em frente um grupo de senhoras olhava-me com desdém, e na mesa do lado uns moços acompanhados de moças glamorosas apontavam-me como se eu fosse uma criatura estranha. A certa altura — foi o que supus — o Silvestre percebeu, e com alguma crueldade fez questão de demorar-se o mais possível, somente para embaraçar-me. Devia ser por volta das quatro e meia quando nos levantamos e eu, desastradamente, fiz cair com estrondo a cadeira em que estava sentado. Rubro de cólera, mais que de vergonha, saí do restaurante sem olhar para os lados, e quando já na rua me despedi do Silvestre, amaldiçoei aquele encontro que tantos males me proporcionara. “Então se julga um grã-fino agora! Ora essa, e estará no seu direito humilhar-me dessa maneira? Quando apanhava papéis no cesto de lixo para aproveitar o verso em branco e fazer suas anotações, por certo não agia assim!”, e ainda que eu soubesse que o pobre rapaz não havia feito por mal, que me estimulava naturalmente e só intencionara ser-me agradável, fazia questão de distorcer conscientemen-

te suas intenções — e fui terminar meu dia numa espelunca bem suja, onde fiquei à vontade, escarrapachado numa cadeira a um canto, bebendo vinho barato e comendo batata frita com torresmos.

Como minha convivência com o mundo exterior fora sempre limitada e difícil, preferindo estar a sós comigo mesmo, pois assim não tinha de dar satisfações da minha vida e dos meus atos a ninguém, meu espírito já de natureza susceptível adquirira essa sensibilidade dos grandes solitários que, incapazes de falarem para o mundo de suas impressões e sentimentos — até mesmo com alguma vergonha deles —, vivem à sombra, num mundo particular e estreito, feito de formas imprecisas, de rostos opacos, de vozes ciciadas e frases abstratas. Foi daí que me surgiu a mania dos quebra-cabeças — mania que em pouco acabou convertendo-se numa obsessão, uma quase loucura —, com os quais preenchia minhas horas de folga e meus finais de semana, no mais das vezes inteiramente vazios. Por último, tornou-se comum eu passar todo sábado e domingo trancado em meu apartamento com centenas de peças de cartão espalhadas no chão da sala, de onde removera os móveis e o tapete a fim de ter mais espaço e conforto para a brincadeira. De início, por curiosidade, comprei numa loja de brinquedos um quebra-cabeça relativamente modesto, de quinhentas peças, que montei de improviso num único sábado: a figura, umas banhistas de Renoir, mulheres opulentas e coradas, com um brilho de alegria espalhado por sua nudez e pela luz que emanava de seus corpos. Dei o quadro para Anete, a vizinha de cima, com quem travara amizade, e de imediato ela o pendurou na parede de sua sala. Na semana seguinte comprei um com setecentas e cinqüenta peças: uma vista do Central Park, de Londres. Comecei a trabalhar nele no sábado às nove da manhã e por volta das nove da noite estava terminado. Daí por diante não me satisfiz mais com quebra-cabeças que tivessem menos de mil peças, e logo passei aos de duas mil, três mil, e mesmo de cinco mil peças. Minha mania por quebra-cabeças tornara-se uma obsessão, e agora já era com ansiedade que esperava o final de semana para, livre das preocupações com a repartição, entregar-me a ela. Na manhã em que me encaminhei para o trabalho pela última vez, já antecipava os longos dias de aposentado que passaria trancado em casa montando quebra-cabeças enormes, os quais me absorveriam todo o tempo livre e ilimitado. Curiosamente, não consegui retomar meu *hobby* na primeira quinzena de liberdade: assaltavam-me umas ânsias inexplicáveis de estar fora de casa, de caminhar pelas ruas, de entrar nos bares e cafés e embarcar nos ônibus sem destino certo; por duas ou três vezes dei comigo nas imediações do prédio onde trabalhara por último sem saber como fora parar ali e o que fora fazer. Costumava sair à noite, freqüentar uns ambientes meio suspeitos, e cheguei mesmo a pegar uma doença com uma mulher com quem estive certa madrugada. Passados, porém, esses primeiros dias, acal-

mei: uma quinta-feira pela manhã passei numa loja e comprei um quebra-cabeças de mil e quinhentas peças, representando um daqueles quadros de Salvador Dali com os relógios derretendo, e ocupei-me dele durante toda a noite seguinte. Quando clareava o dia, o quadro estava quase todo montado, e eu acabei adormecendo sobre as peças. Passei a dividir meu tempo entre os passeios a esmo e os quebra-cabeças menores, mas à medida que ia me desencantando dos divertimentos repetitivos da metrópole — e, sem saber, afetado pelo ócio que me esvaziara os dias —, ia me aferrando cada vez mais ao meu *hobby*, agora contudo de maneira obsessiva: foi quando me vi às voltas com os grandes quebra-cabeças, de três mil ou mais peças, o que não era mais uma opção de lazer para mim: aquela brincadeira aparentemente inofensiva convertera-se numa espécie de loucura, a princípio suave mas que se foi agravando até deixar-me com os nervos abalados. Como se tornava às vezes difícil encontrar jogos maiores (p. ex., com cinco mil peças ou mais), passei a comprar dois ou mais dos menores e montá-los sem interrupção. Logo, porém, isso já não me satisfazia, tornava-se fácil montar qualquer um com qualquer quantidade de peças, e como tais desafios já não representavam dificuldades a superar, comecei a exasperar-me, a atingir um estado muito próximo da demência completa. Um dia, quase completamente descontrolado, fui a uma loja especializada nesse tipo de brinquedo e comprei cerca de uma dúzia de quebra-cabeças com uma média de três mil peças cada um, e ao chegar em casa, para dificultar o trabalho, espalhei todos eles no chão, misturei bem as peças e comecei a montar todos ao mesmo tempo. Permaneci trancado naquela sala cerca de um mês, dominado por uma febre que me consumia por dentro, ainda que minha temperatura não aumentasse, até dar conta da tarefa integralmente. Ao fim de um mês Anete, alarmada com meu “sumiço”, viera bater de leve à minha porta. Quando abri, creio que a deixei espantada: a sala estava em pandarecos, eu não havia tomado banho durante aquele período nem trocado de roupa, e minha aparência — e meu cheiro — não eram dos melhores. “Seu Souza, o senhor está passando bem?” ela perguntou, encarando-me com algum receio e espichando o olho curioso para dentro de minha casa. “Perfeitamente” respondi com alguma secura, mas a certo custo dei-me conta de que a situação não era comum, e abrandei, com um sorriso apagado. “O senhor, pareceu-me que tinha viajado, pois não via movimento por aqui nesses últimos dias... por isso vim ver...” Fiquei imóvel diante da mulher com o mesmo sorriso apagado, mas logo me apressei a desculpar-me: “É que andei um pouco adoentado... estou me distraindo um pouco com uns quebra-cabeças...” e fiz menção de fechar a porta. “O senhor não precisa de nada? Talvez eu pudesse preparar algo para comer... ou dar uma arrumaçõzinha...”; “Não, por agora não preciso de nada” eu respondi, e sem mais fechei a porta.

Outra vez sozinho, encostei-me à parede e respirei fundo: aquilo não era normal, eu reconhecia. Eu não podia ficar trancado em casa um mês inteiro sem tomar banho, sem trocar de roupa, sem sair para ver o sol, a rua, as pessoas (apesar de tudo, como veremos no decorrer da narrativa, sempre havia em minha vida umas poucas pessoas, caras para mim, a quem costumava visitar e em cuja companhia habituara-me a passar uma tarde de sábado ou um serão após o jantar). Senti-me doente, angustiado, e caminhando pela sala contemplei os quebra-cabeças montados que eu deixara encostados às paredes como numa galeria não de arte, mas de obsessão. “Estarei enlouquecendo?” pensei, e como me sentisse cansado — só então me apercebi de que também dormira muito pouco naquele mês, pois o mais do tempo passara juntando peças de forma alucinada — fui para o quarto e caí na cama. Dormi vinte e quatro horas consecutivas, e quando acordei sentia-me bem disposto: tomei um banho, fiz a barba e vesti uma roupa nova; fiz um lanche e, sem me deter um momento na sala, saí para a rua. Era de tardezinha, o sol se punha com umas cores muito sutis detrás dos prédios ao longe e sobre minha cabeça os pássaros que viviam nas árvores da praça trançavam daqui para lá em vôos rápidos e precisos. Sentei-me num banco e fiquei observando com curiosidade e alegria o movimento das pessoas indo e vindo pelas calçadas, sob as marquises, atravessando as faixas iluminadas pelos letreiros de néon. Anoteceu: levantei-me do banco e voltei para meu prédio. Fui bater à porta de Anete, que ao abrir olhou-me com surpresa e, meio abobalhada, mandou-me entrar. Não entrei, disse-lhe apenas que agradecia por ela ter ido procurar-me na tarde anterior, e desculpava-me por não tê-la recebido convenientemente. “Creio que fui até um pouco brusco” justifiquei-me, “mas não estava me sentindo muito bem... é que nos últimos dias estive adoentado. Mas quando quiser visitar-me, esteja à vontade”, e retornei para casa com uma sensação muito grande de paz. O período mais negro de minha temporária loucura tinha passado e eu me saíra bem dele.

Sim, fui um homem solitário.

Tive mulheres, que homem nunca as teve?, mas elas não preencheram minha solidão. Amei algumas moças na juventude, creio que nessa idade dourada uma ou outra me amou até com sinceridade, mas não cheguei a casar-me com nenhuma, e depois que os anos se adiantaram vi que não era mais tempo, que não valia mais a pena. Depois dos quarenta já não havia moças para mim, e as mulheres que espichavam seus olhos em minha direção não tinham mais atrativos (apesar da minha timidez, era exigente nesse assunto e não me contentava com qualquer coisa). Em certa época passei a freqüentar a zona do baixo meretrício, mas aquele sexo pago e feito às pressas nem ao menos me satisfazia fisicamente: cansava-me, esgotava-

me. Angustiava-me! Depois que peguei uma doença abandonei as putas e pensei novamente em me casar. Bem, não era um moço e os cabelos já tinham seus muitos fios brancos, as têmporas não disfarçavam a idade, e as tinturas causavam-me alergia; contudo, há mulheres maduras que ainda possuem alguma beleza, algum atrativo físico, não seria impossível ser feliz, bastava um pouco de sorte... Mas não tive sorte. Tive novas mulheres, nenhuma me agradou plenamente, a nenhuma devo ter agradado também, pois dos rompimentos não ficava saudade nem boas lembranças. Dessa maneira vi os anos avançarem e com eles minha solidão tornar-se um deserto ainda maior.

Mas agüentei. A tudo se agüenta quando não há escolha.

Morri de forma banal.

Foi ontem à noite quando cheguei em casa, ainda cedo — antes das oito. De repente não me senti muito bem, uma ligeira tontura que me deixou estendido no sofá por uma boa meia hora. Sentindo-me um pouco melhor, resolvi ir até a casa de Anete pedir um comprimido, um analgésico qualquer pois descobri que não tinha nenhum no armarinho do banheiro. Ela me deu o analgésico, que eu tomei lá mesmo, e desci em seguida. Quando entrei em casa caí, redondo, no chão, com um baque. Estava morto. Tinha setenta e oito anos. Não me perguntem de que morri, pois não sou médico para deduzir apenas dos poucos sintomas que precederam o trespasse; mas o baque do meu corpo no chão deve ter feito um bom barulho, pois não tardou dois minutos para que Anete aparecesse correndo e deparasse com meu corpo estendido próximo à porta. A essa altura eu já tinha consciência de que algo estava errado, pois a vi aproximar-se e olhar para mim com atenção, enquanto eu estranhava estar em dois lugares ao mesmo tempo — aqui perto da janela, de pé, apreciando o movimento da rua, e ali junto à porta, deitado. Em seguida, a mulher desandou a gritar e saiu em disparada pelo corredor. Não tardou a ajuntar gente, mais tarde veio a polícia, levaram-me e eu fiquei sozinho em casa submerso em confusão, pois afinal eu vi conduzirem meu corpo para fora mas eu permaneci junto à janela, e quando todos se foram e o apartamento esvaziou andei de um lado para outro, fui à cozinha, entrei no banheiro, espiei para dentro do quarto, voltei para a sala ainda sem me dar conta do que estava se passando! Não sei depois de quanto tempo a porta do apartamento abriu-se outra vez, Anete entrou e acendeu a luz dando passagem a uns homens de ares sombrios que conduziam um caixão: por fim eu estava de volta a casa e me vi deitado e cercado de flores dentro desse estranho recipiente que, contudo, nos é a todos bastante familiar. Então compreendi que havia “faltado”.

As horas estão passando, algumas pessoas chegam, outras partem (a “bruxa sem vassoura” acabou de sair, certa de ter cumprido seu dever e de sua infalibilidade, e amanhã já não se lembrará de que eu morri). Alguns eu conheço bem, são vizinhos, uns poucos amigos, dois ou três dos antigos colegas de repartição. Ali está, por exemplo, o Tavares, sujeito esquentado que discute futebol e política como se soubesse de tudo, fazendo questão de dizer sempre a última palavra. Não me surpreenderá se em algum momento provocar uma quizília sobre a escalação do time no último jogo, ou sobre as novas diretrizes do partido. Sempre se indispôs comigo por meu caráter apolítico, “são todos uns merdas” eu lhe disse certa vez, referindo-me a uns candidatos com quem ele parecia simpatizar, e faltou pouco saltar-me ao pescoço. Colérico, o rosto vermelho, apontava o dedo na minha cara e dizia que aquele era um comentário sem nenhuma procedência, além de revelar uma percepção primária das questões propostas. Que os homens que eu caluniava eram dignos representantes do povo, e tal e coisa; diante de semelhante explosão e tamanha veemência vi-me obrigado a retratar-me: “Não se exalte, Tavares, que não vale a pena. Demais a mais, amanhã eles se elegem e esquecem tudo, até que existimos...”, e só me dei conta de que meu novo comentário, ao invés de acalmá-lo, só serviria para deixá-lo ainda mais irritado após tê-lo feito. Não chegou a ouvir-me, certamente — ainda alterado, olhava de um lado para outro como se procurasse alguém que lhe desse razão —, e eu me calei para evitar nova onda de cólera. No dia seguinte deparei com o Tavares que fora à banca comprar o jornal, e ele cumprimentou-me sorrindo, já esquecido da véspera. Um bom sujeito, o Tavares! Vejo também junto à porta o Gomes, o escandaloso Gomes, o único a falar alto como se estivesse em sua própria casa e isto fosse uma festa e não um velório, mas é o jeito dele, não faz por mal, e até afirmo que ele está muito sentido, pois foi uma das pessoas com quem melhor me dei nos últimos anos. Filhinha serve café aos presentes — Filhinha é a garota do quinto, que vive sozinha no apartamento com uma dúzia de gatos, e como tenho alergia a gatos somente umas poucas vezes estive em sua casa. Não será correto dizer garota: Filhinha deve ter bem uns trinta anos; não sei de onde lhe vem o apelido e o nome ela nunca me disse. Mas tem um jeito de menina, assim miudinha e de voz delicada, apesar de não ser bonita. Uma vez me disse: “Vivo sozinha porque não encontro alguém que acerte comigo, seu Souza”. Eu pensei em replicar: “Com você ou com seus gatos?...”, mas disse apenas: “Sua hora há de chegar, Filhinha, todos têm sua hora”; ela se mostrava incrédula: “Qual, seu Souza!, já não tenho muitas esperanças”. O caso é que Filhinha me parece muito reservada, muito dada aos gatos e pouco aos homens, por isso tem dificuldades. Aconselhei: “Filhinha, seja mais atirada” e dei uma piscadela: “Faça-se bonita e saia na noite”. Ela pareceu horrorizada, “Cruz credo, seu Souza! Que conselho o se-

nhor me dá!”, mas estou certo de que meu conselho não caiu em ouvidos moucos. Semana passada eu a vi sair sorrateiramente por volta das dez, e depois soube que fora com umas amigas num inferninho ali perto dos Arcos. Não tarda, arranja companhia. Mas antes terá de livrar-se dos gatos. O Alfredo acaba de chegar, e não sei por que me vem mais uma vez uma irresistível vontade de rir. Digo mais uma vez porque sempre que via o Alfredo achava-o engraçado de tal maneira que tinha de sorrir discretamente. É o tipo do sujeito engraçado mesmo diante das maiores desgraças; não que o queira ser, e mesmo não se dá conta de que o seja: é um homem magro e pálido, com o rosto muito chupado e ossudo, uns olhos enormes que parecem desvairados e um bigodinho mínimo em cima do lábio. Tem ares comumente circunspectos, não é dado a brincadeiras e, sem ser carrancudo, dificilmente sorri. Entrou vestindo um terno preto muito coçado, parou cheio de formalidades diante do caixão e, segurando o chapéu à frente do corpo, com cara de velório — portanto adequada à situação —, ignorou até mesmo o café que passava pela mão de Filhinha. Um minuto depois recolheu-se para o canto da sala, onde permanece de olhos baixos ouvindo o discurso de um senhor do primeiro andar que puxou conversa, falando baixo. O Alfredo não respondeu ao outro a não ser por movimentos curtos de cabeça e um ou outro monossílabo dito numa voz quase inaudível; no mais ficou para ali, sempre com aquele ar ridiculamente sério e engraçado de que ele não tem a menor noção. Um que pouco se demorou foi o Plínio, tipo no mínimo curioso. Trabalhei com o Plínio dois anos antes de me aposentar, e depois que deixei a repartição ele aparecia vez em quando para um dedo de prosa: tínhamos camaradagem. Deve ter sido Filhinha (que o conheceu em minha casa e para quem andou espichando uns olhos gulosos, embora o Plínio não tenha percebido — ou não quis dar a entender que percebeu) quem lhe falou pelo telefone do meu trespasse (e ele quem informou a “bruxa sem vassoura”, visto que moram na mesma rua). Mas o Plínio destaca-se por seu jeito: não se pode dizer que seja um almofadinha, mesmo andando todo engomado como anda, o cabelo empastado de um óleo que usa para assentar as mechas, e os óculos fundo-de-garrafa que lhe deixam os olhos miudinhos na cara imberbe de garoto. O Plínio não é, contudo, garoto, passa dos trinta e cinco e me parece que cursou administração de empresas. Era um tanto ingênuo, embora não propriamente um tolo. Um pouco desajeitado, mas aprendia com relativa facilidade: quando entrou para a repartição, aprendeu muito da rotina de trabalho comigo. Tem o hábito de abstrair-se vez por outra, e chega a não ouvir quando alguém lhe fala. Se o interlocutor insiste, ergue com um jeito característico o queixo como se fosse olhá-lo por cima; não responde de imediato, tenta localizá-lo e o encara com um ar interrogativo que dispensa palavras. Então escuta com uma atenção aparente o que o outro lhe diz, responde se há o

que responder, caso contrário baixa a cabeça e continua trabalhando como se nada tivesse acontecido. Foi com esse mesmo jeito que entrou na sala: deteve-se um momento junto à porta, não cumprimentou ninguém a não ser com um movimento rápido de cabeça, grave como a situação requer, e em seguida aproximou-se do caixão; olhou-me com ar concentrado, mas não deixou transparecer nenhuma emoção, ainda que não se possa falar em indiferença; após observar-me por alguns instantes, retirou-se um pouco para o fundo da sala e ali permaneceu como uma sentinela, imóvel e sem conversar, todo ele óculos fundo-de-garrafa e cabelos empastados. Quando Filhinha passou com a bandeja, Plínio serviu-se com cerimônia, tomou o café em pequenos goles e aguardou que a bandeja retornasse para devolver a xícara. Em seguida desculpou-se pela pressa com aquele mesmo jeito atrapalhado de quando tem que dirigir-se às pessoas, principalmente nas situações constrangedoras — falava com Filhinha, que o ouvia sem compreender bem —, e saiu em passos rápidos e silenciosos.

A certa altura foi a menina do quarto andar quem entrou. A menina a que me refiro tem doze anos, os peitinhos já começam a despontar; vaidosa, pinta os lábios de cereja e tem lindos olhos azuis, embora os cabelos sejam castanhos. Não é bonita, tem a beleza da adolescência, o mesmo encanto de tudo que vê à sua volta e lhe parece novo em suas descobertas da vida, e essa beleza é certamente ela quem empresta às coisas e delas retoma, transformada, iluminando seu ser. Chama-se Diva, e entrou atraída pelo movimento inusitado à porta do meu apartamento. Mas a chegada de Diva com a alacridade de seu vestido vermelho, sua inconseqüência e a natural indiferença infantil diante dos grandes mistérios da vida (não posso negar que esse lugar-comum soa horivelmente, mas é verdadeiro, por isso aí fica), trouxe uma cor a esse desfile cinzento de sombras que entram em minha casa e se postam diante do meu caixão: entrou com as faces rosadas e um sorriso moleque, olhando com malícia para as pessoas presentes como a lhes perguntar o que estava acontecendo, mas logo adivinhou pois exclamou com voz aguda e nem um pouco consternada:

— O seu Souza morreu?!

Diva foi o melhor que me aconteceu nesta noite, e só não direi que foi das melhores coisas da minha vida não pela brevidade com que veio e foi-se, mas por ter-me aparecido assim depois que morri. É curioso como nunca me havia importado com sua presença, apesar de ela ter nascido aqui tão perto: desde bebê encontrava-a por aí, pelo prédio, pela rua, pelo bairro, e não passava de mais uma criança das muitas que se encontram a todo momento. Mas vê-la assim, de súbito, quando já não a posso tocar nem falar com ela, quando eu sou a sombra e ela a forma concreta para quem não existo mais, vê-la tão esperta e alegre — ao contrário de todos os outros que, por obrigação, procuram manter-se sérios —, vê-la assim en-

cantou-me: pois Diva foi até o meio da sala, espiou de longe para dentro do caixão, voltou-se sobre os calcanhares e, vendo a mãe que acabara de subir a escada e passava pela porta do meu apartamento, gritou:

— Mamãe, o seu Souza morreu! — e fez acenos para que ela viesse ver. A mãe, contudo, amarrou a cara e, com um gesto, exigiu que ela saísse já daqui. Sem mostrar desapontamento, Diva girou novamente sobre os calcanhares e de onde estava olhou para mim outra vez, levando o dedo à boca, num gesto de perplexidade fortuita. Depois saiu correndo, para alcançar a mãe a caminho do andar de cima. Ainda ouvi a voz ranzinza da mulher:

— Não vê que não está vestida decentemente para a ocasião? — re-preendia-lhe decerto o vestido berrante, como se fosse uma ofensa para o morto que alguém entrasse no velório com uma roupa daquela cor. Mas Diva, o vestido vermelho de Diva, o sorriso e a irreverência de Diva: tudo isso compunha uma delicada harmonia que, intrometendo-se no recinto da morte, insinuava a vida — a notável alegria da vida. Diva contudo se foi, acompanhou a mãe a casa, e certamente não a verei mais. Desfez-se a cor, permaneceu o cinzento; a luz partiu, ficaram as sombras.

Mas chegam também algumas pessoas que mal conheci, ou conheci para desgosto meu e com quem minhas relações não foram das melhores (já falei da “bruxa sem vassoura”, mas há outras...). As menos conhecidas entram um momento, espiam-me mais com curiosidade que com pena, saem olhando para os lados como a se perguntarem se vale a pena alguém chorar por um morto tão inexpressivo, e penso mesmo que até sorriem levemente. Por que demorar-me sobre esses visitantes ocasionais? O que dizer deles? O que dizer, por exemplo, desse rapazola do oitavo andar com quem certa vez tive uma rusga por qualquer banalidade, e me tomou birra? Ele entrou com a cara quase alegre, cumprimentou os demais conhecidos do prédio e veio olhar-me no caixão. Nem mesmo se deteve e saiu, parando à porta para acender um cigarro, despreocupado e indiferente. Ouvi que assoviava quando começou a subir as escadas. O que dizer, ainda, desse homem de meia-idade, morador do quarto andar, que mal me cumprimentava quando, casualmente, nos encontrávamos no elevador ou nas escadas, seguindo direto seu caminho sem se importar com nada nem ninguém? (E digo literalmente **ninguém**, pois esse sujeito sempre foi assim, sisudo e in-comunicável; consta que não se relaciona com ninguém — ou quase ninguém — no prédio nem na rua.) Ele entrou porque, passando, viu pela porta aberta muitas pessoas e deve ter desconfiado. Parou um momento, inquireu os circunstantes com o olhar. Foi o Gomes — o escandaloso Gomes — com seu vozeirão quem o esclareceu do que se passava. Com um franzir de testa veio até a mesa e espiou-me, o rosto impenetrável, os olhos

mudos. Esteve por alguns minutos, afastou-se do caixão e olhou demoradamente em volta como a avaliar as condições em que eu vivia, depois fez um movimento qualquer com as mãos, murmurou alguma coisa e, dando as costas, deixou a sala.

Outra visitante intolerável é esta que acaba de chegar, dona Pequitota, a famosa “língua de trapo” do prédio, que a todos inferniza com seus venenos. Esta mulher que não chegou aos quarenta e cinco e já aparenta pelo menos dez anos mais, que em todos os assuntos se intromete e na vida de todos gosta de meter o bedelho; esta mulher com quem certa vez tive um entrevero, após o qual nunca mais lhe dirigi a palavra; bem, desta até vale a pena falar porque, curiosamente, a propósito de sua chegada, vem-me à lembrança uma pessoa muito cara para mim, cuja ausência nesta noite entristece-me. Não que em algum momento tenha me esquecido dessa pessoa tão cara e importante em minha vida como adiante se verá, não: é que reservava um momento igualmente especial para referir-me a ela, talvez o momento em que entrasse em minha casa e fosse depositar uma flor, uma lágrima sobre meu corpo, o que certamente faria (o que, seguramente porém, não fará, pois não virá, não há como saber que morri, ninguém aqui sabe da amizade que nos une há tantos anos, e ela mora do outro lado da cidade...). Enfim, reservava-me para falar dela caso aparecesse... mas dona Pequitota apareceu primeiro, e deu ensejo ao relato da história.

Desde que vim morar aqui, dona Pequitota passou a rondar meu apartamento, a todo instante subindo — ela, que mora no primeiro andar — para falar-me. Ora pedia-me emprestado algo que alegava ter esquecido quando fora às compras, “o senhor não terá um pouco de açúcar, seu Souza?”; “estou precisando trocar a lâmpada do banheiro, mas estou sem nenhuma de reserva, seu Souza”, e coisas assim que, de resto, devolvia sempre; ora vinha apenas conversar sobre banalidades que de modo nenhum me interessavam. Não estranhei mais do que devia essa insistência, e apesar de ser um pouco incômodo ter sempre alguém à porta pedindo coisas, conversando “fiado”, pensei que se devia ao fato de eu ser morador novo e ela ter a intenção de fazer amizade, e que logo cessariam suas investidas. Mas a mulher parecia ter cismado comigo, pois passadas algumas semanas, quando as apresentações estavam feitas e minha pessoa não era mais (pelo menos não deveria ser) novidade, volta e meia lá estava dona Pequitota à minha porta dizendo tolices, pedindo alguma coisa (talvez como pretexto para retornar no dia seguinte: assim pagava-me o que me devia e pedia algo mais para, novamente, retornar...). Notei, além do mais, que de início fazia pequenas críticas a este ou àquele morador, o que me deixava pouco à vontade, já que nunca tive o hábito de fuçar a vida dos outros. Certo dia me disse sem mais cerimônia:

— Foi bom ter vindo para cá um vizinho ordeiro e de boa conduta, seu Souza. O prédio já começava a ficar malvisto...

— E por quê, dona Pequitota? — eu perguntei sem fazê-la entrar.

— Então o senhor não sabe?

— Como haveria de saber, dona Pequitota, se comprei o apartamento da corretora e nunca me interessei pelos antecedentes do prédio?

Não sei se minha resposta foi ríspida, se minha voz e minha cara estavam um pouco alteradas, mas dona Pequitota amuou-se. Respondeu de má vontade:

— Então está explicado! De outro jeito não teria morador neste apartamento tão cedo! Mas parece-me que o senhor não está muito interessado...

— Na verdade estou um pouco cansado, e gostaria de tomar um banho para dormir em seguida.

— Então, boa noite — disse com má cara, e saiu.

Mas no dia seguinte retornou, à mesma hora.

— Seu Souza, vim lhe pagar o açúcar...

Embora não a mandasse entrar, dona Pequitota aproveitou-se do momento em que eu fora à cozinha guardar o açúcar e, quando vi, já estava na sala. Olhava em volta, seria melhor dizer “investigava” e, vendo-me, sorriu:

— Olha, seu Souza, vou lhe contar. Acho que uma pessoa direita como o senhor não pode ficar ignorando as coisas.

Percebi que a zanga da mulher havia passado e que ardia por contar-me fosse o que fosse, e se eu não lhe desse ensejo para falar corria o risco de nova rusga e, quem sabe, de um mal à sua saúde. Disse:

— Estou curioso, dona Pequitota — e sentei-me, olhando-a divertido. Está visto que não a mandei sentar-se, fingindo distração, o que não estou certo de ela ter percebido. Contudo, sem mais, sentou-se e pôs-se a falar.

— Bem, os antigos moradores deste apartamento eram um casal jovem. O homem tinha cara de bobo, e a mulher não era lá coisa que prestasse... a bem da verdade, não era nada honesta — e à medida que falava comecei a entrever a história que sairia dali: um caso banal de traição, em que o homem chega numa hora inesperada e flagra a mulher nos braços do amante. A decorrência natural é uma briga tremenda, todo o prédio sacudido pelo alvoroço, e um final trágico: o amante, acossado pelo marido traído, tenta escapar pela janela, mas é alcançado e arrastado de volta. A mulher vai em sua defesa, e a mesma faca que degola o amante serve para furar-lhe a barriga — tudo descrito com as minúcias de quem presenciou o acontecido (“via-se o sangue esguichar pelas paredes!”), o que não era o caso de dona Pequitota, que apenas deduziu do resultado.

A história divertira-me, e dona Pequitota pareceu satisfeita. No dia seguinte um dos moradores, encontrando-me na escada, alertou-me contra a mulher. “Linguaruda” ele disse, “uma leva-e-traz perigosa. Cuidado com ela!”. Não dei muita importância à advertência, ainda que esse aspecto de dona Pequitota não me tivesse passado despercebido. Refletia que se eu não lhe alimentasse o vício, não havia por que temer, e concluía que ela logo se cansaria de mim. Mas o fato é que não se cansou: dia para dia tornava-se mais inconveniente, vindo bater à minha porta duas, até três vezes na mesma tarde. Já não vinha com a desculpa de pedir algo emprestado, ou de devolver: não a mandava entrar, mesmo assim começava a contar as novidades como notas de última hora divulgadas pela edição especial dos noticiários. Era a filha do vizinho do lado que aparecera de barriga, ou o filho do viúvo do quinto andar que fora preso roubando uma casa, ou a roupa pouco decente — “O senhor viu? O senhor por acaso viu?” — da moradora do apartamento ao lado do meu, sem saber como o marido permitia uma licenciosidade daquela! Um dia cheguei com uma forte dor de cabeça, princípio de uma gripe que me deixaria de cama por toda uma semana, e mal terminara o banho quando dona Pequitota bateu-me à porta. Nesse dia perdi a paciência e a tratei com aspereza:

— Dona Pequitota, estou hoje adoentado e pretendo dormir um pouco à tarde. Também não estou interessado em suas histórias, que de resto são sempre as mesmas. Que tal ir contar suas novidades a quem queira ouvi-las?

A mulher saiu ventando e eu bati a porta com força. Eu não sabia, mas com minha atitude deflagrara uma guerra que culminaria numa pequena tragédia doméstica.

No meu andar, no fim do corredor à esquerda, residia à época uma senhora viúva com sua filha. A mulher já passava dos quarenta e cinco mas ainda não havia chegado aos cinquenta, e a filha teria quando muito dezesseis. Minhas relações com ambas foram inicialmente superficiais: apenas as cumprimentava quando acontecia encontrá-las no corredor, mais raramente trocávamos umas poucas palavras. Soube depois que viviam de uma pensão deixada pelo falecido, uma importância que não chegava a ser alta mas bastava para as necessidades da mãe, um tanto reservada, que passava a maior parte do tempo em casa, e cobria ainda as despesas com a educação da filha que deveria ingressar em breve na universidade. Visitava-as com alguma frequência um homem de meia idade, sempre de óculos escuros, que se fazia passar por amigo da família — um amigo, pelo que soube, recente. Encontrara-o algumas vezes no prédio, ora chegando, ora saindo (em duas ou três ocasiões testemunhei que tratava um tanto intimamente com dona Pequitota), mas como não fôramos apresentados apenas nos cumprimentávamos com um aceno de cabeça. Por fim, soube que após uma desavença

com a senhora não era mais recebido na casa. Mais sozinhas agora numa comunidade a que não se integravam por temperamento, talvez minha amizade se tornasse uma necessidade, e assim estreitaram-se minhas relações com a mocinha, o suficiente para que ela me dissesse seu nome — Cora — e falasse um pouco da mãe (viúva havia quatro anos), do pai, cuja perda traumatizara sua adolescência, e de seus projetos para o futuro: contava entrar para a faculdade de medicina no ano seguinte, dizia-se boa aluna embora um pouco preguiçosa, sonhava casar-se e ter um casal de filhos. Sem que lhe perguntasse, falou-me da vida retirada que levavam: a família era de Porto Alegre e lá havia ficado; o pai abalara anos antes para o Rio atrás de uma boa proposta de trabalho, “eu era só uma menininha na época”, e com o tempo os laços familiares, se não se romperam de todo, pelo menos se tornaram bastante diluídos e longínquos — de raro em raro chegava uma carta ou recebiam um ocasional telefonema; desde que a mãe enviuvara viviam praticamente sem relações e ela, Cora, exceto uma ou outra amizade — superficial — no colégio, não tinha ninguém; fiz referência então ao cavaleiro que as visitara durante algum tempo, e Cora me disse que o haviam conhecido certo dia no supermercado, quando lhes parecera muito simpático e prestimoso, “até insistiu em ajudar-nos com as compras”. Daí começara a visitá-las com regularidade, mas acabou demonstrando intenções pouco honestas, “fez uma proposta inconveniente à mamãe, que acabou pedindo que ele não voltasse a nossa casa”. Na primeira oportunidade Cora apresentou-me à mãe, e conquanto esta se mostrasse ainda mais reservada e em sua presença eu não me sentisse muito à vontade, chegamos a nos tratar de maneira bastante cordial. Como Cora falasse comigo espontânea e francamente, e como por uma ou duas vezes mostrara-se atenciosa ouvindo-me falar de meu trabalho, minha vida de solteirão, e coisas assim, afeiçoei-me a ela, e passou a ser comum pararmos para conversar, nem que fosse por dois ou três minutos, sempre que nos encontrávamos. Aconteceu também nos encontrarmos na pracinha do outro lado da rua, e, sentados num banquinho, conversarmos bastante tempo sobre diversos assuntos. Já fazia uns oito meses que eu me mudara para o prédio quando uma tarde, sentados na praça, Cora falou-me que a mãe resolvera procurar moradia num bairro mais reservado e silencioso (moravam ali cerca de um ano, mas a mãe não se havia acostumado), e isso me entristeceu: eu aprendera a estimá-la; nossos encontros, nossas conversas banais, nossa amizade tornara-se importante para mim, para minha vida sem muitos laços; não gostaria de afastar-me dela e disse-lho francamente. Ela sorriu como se ouvisse um elogio, e prometeu que não se esqueceria de me deixar seu novo endereço, “onde o senhor será sempre bem-vindo”. Certo dia, porém, notei que a mãe, ao passar por mim na escada, ao invés do cumprimento costumeiro que trocávamos, baixou a cabeça e seguiu seu caminho sem se deter. Não

estranharia tal atitude se ela não se repetisse algumas vezes sem variações naquela mesma semana — a senhora avistava-me, baixava a cabeça e passava por mim em silêncio —; senti-me inseguro para abordá-la e indagar dela o que havia acontecido, então resolvi procurar Cora, com quem de ordinário me sentia mais à vontade para conversar. Contudo, justamente naqueles dias, devido a um acúmulo de serviço na repartição e a uma urgência minha em cobrir certas despesas imprevistas, eu me vi obrigado a fazer hora extra todos os dias e por isso sobrecarregado e sem tempo: saía de casa muito cedo chegando somente a desoras, de forma que não consegui falar com a garota. Havia um outro fato contra mim: como nossa amizade fosse bastante recente (menos de três meses), eu, com meu natural acanhamento, não me sentia ainda habilitado a procurá-la em sua casa, além do que em dois finais de semana consecutivos ela e a mãe estiveram ausentes do prédio — decerto ocupadas em arrumar seu novo domicílio. Notei também para meu espanto que o tal cavalheiro subitamente retornara, fazia-se mais assíduo (numa só semana vira-o no prédio meia dúzia de vezes) e passava por mim com um ar carrancudo, os óculos escuros encobrindo-lhe as intenções, e erguia o queixo, olhando diretamente para frente. Durou duas semanas aquela situação, e piorou quando por fim encontrei-me casualmente com Cora numa loja no centro da cidade e me aproximei. A moça encarou-me com reserva, parecia desconcertada e não sorriu, mantendo-se de olhos baixos. Ante tal acolhida, fiquei sem ação; disse qualquer coisa acerca do tumulto das ruas, reclamei do calor, mas não tive coragem de tocar no assunto que me afligia. Despedi-me apressadamente e saí atarantado. Passou-se outra semana, durante a qual encontrei várias vezes o homem dos óculos escuros, ora subindo, ora descendo as escadas — encontros que sempre me irritavam —, e sentia minha aflição aumentar por ter ouvido que a mudança estava prevista para aqueles dias e eu receava não resolver o caso até então. Depois de muito pensar, venci o acanhamento e decidi procurar Cora em sua casa, onde poderíamos conversar e esclarecer as coisas. Uma noite larguei mais cedo e me preparei para ir ao apartamento de Cora. Era por volta de nove horas quando lhe bati à porta, mas para meu espanto e maior contrariedade vi que não estavam sozinhas: o homem dos óculos escuros encontrava-se com elas, e assim que me abriram a porta deparei com três pares de olhos a me examinarem com reserva, mesmo com antipatia, e nenhum me convidou a entrar. Sorri sem graça.

— Bem — gaguejei —, preciso falar-lhes...

Foi a dona da casa quem se adiantou:

— Na verdade, senhor, receio não poder recebê-lo... estamos arrumando nossas coisas, mudamo-nos semana que vem.

— Ora, eu... enfim...

— O senhor não entendeu certamente o que a dona da casa disse — interveio o homem detrás de seus óculos escuros. — Ela não deseja recebê-lo.

A interferência do homem deixou-me sem ação; apelei para Cora, olhando-a em busca de socorro. Mas a moça — notei-a triste — baixou os olhos e afastou-se, contrafeita. Tomei coragem:

— Aqui vim para saber o que há, e daqui não saio sem uma explicação.

— Ah — fez o homem avançando um passo —, então o senhor se acha no direito de exigir explicações! Talvez seja o senhor quem as deva dar.

Não sei por que, mas a atitude do sujeito pareceu-me de uma arrogância insuportável — principalmente por saber de seus antecedentes naquela casa — e a custo me contive, evitando responder-lhe com grosseria. Disse:

— Prefiro ouvir a dona da casa, senhor, a pessoa a quem compete...

— O Dr. Figueira é nosso amigo, senhor Souza — disse a mãe de Cora —, pode falar por nós.

Fiquei perplexo. O homem que fora posto fora de sua casa devido a uma inconveniência, agora se convertera em seu amigo e podia falar por elas!

— Não é com ele, contudo... — retruquei, sem poder continuar. Alguma coisa travava-me a língua, como sempre me acontecia em situações embaraçosas, impedindo-me de falar com clareza. Enfim, soltei: — Fizemo-nos amigos, se as senhoras têm algum motivo de queixa contra mim...

— As senhoras certamente têm um motivo de queixa contra o senhor — disse novamente o homem —, e o senhor certamente não ignora qual seja. Portanto, não vejo por que insistir no assunto.

Cada vez mais espantando, recorri uma vez mais a Cora, encarando-a.

— Senhorita...

Mais uma vez Cora esquivou-se com o olhar e afastou-se. A mãe, contudo, avançou:

— Sim, senhor Souza, seria melhor não insistir. Desculpe-nos... estamos muito ocupados agora.

Sem coragem para insistir, saí dali arrasado, quase sem esperanças. Durante aquele resto de semana (estávamos na quarta-feira) esperei encontrar Cora no corredor, nas escadas, mesmo na rua, e então trataria de abordá-la, mas foi em vão: não a vi; também não tive coragem de voltar à sua casa, e no sábado à tardinha ao retornar de uma pequena viagem dona Pequitota apareceu à minha porta. Já não parecia zangada comigo, mas assim mesmo aborreci-me com sua inesperada visita; preferi, no entanto, tratá-la

com alguma cortesia, se bem que não estivesse disposto a mandá-la entrar. Surpreendeu-me ao revelar — com grande satisfação, diga-se de passagem — que Cora e a mãe haviam se mudado naquela tarde: um caminhão estacionara embaixo por volta das dez horas e antes das duas o apartamento estava desocupado. “Não que façam falta” observou a mulher com seu veneno costumeiro, “talvez não fossem gente bem... enfim, nunca se sabe. Quem somos nós para julgar!... Digo apenas porque me parece que o senhor tinha amizade por elas, não?”. Eu esperava a mudança somente para a semana seguinte, e ainda mantinha alguma esperança de voltar à sua casa, por isso indaguei — contra minha vontade, pois preferia não conversar com tal mulher — se sabia para onde tinham se mudado, “ah, mas nem quero saber! Gente assim...”. Como o comentário me aborrecesse, não somente pelas palavras, mas principalmente pelo tom ao mesmo tempo despretenhoso e ferino com que foram ditas, perguntei cruamente o que ela pretendia dizer com aquilo de “gente assim”? “Mas seu Souza, que santo homem o senhor é! Pessoas como o senhor podem sempre ser logradas pelos finórios! Então o senhor não sabe que elas recebiam um homem em sua casa?... Não sei quem seja o tal homem, mas o que dizem...”, e então a mulher começou a desfiar uma história pouco provável de que o tal homem, um escroque, um valdevinos que fazia às vezes de pessoa de posição para agarrar viúvas desprevenidas (no que não estaria mentindo, visto ter feito uma proposta ofensiva à mãe de Cora), estaria de combinação com as duas “sabe-se lá com que fim!”.

— Dona Pequitota — retruquei, esforçando-me por aparentar calma —, não compreendo o que pode ter levado aquela senhora e sua filha a relacionar-se outra vez com tal indivíduo, ao que tudo indica, uma companhia como a senhora mesma o diz pouco recomendável. Mas não admito, está ouvindo?, não admito que toquem no nome daquelas senhoras, pessoas muito distintas. Há algo estranho nesta história toda que pretendo tirar a limpo, principalmente porque esse homem que a senhora *nem sabe quem seja* e a quem acusa de escroque e valdevinos, já o vi conversando com a senhora por diversas vezes, e pelo que me pareceu com muita intimidade. E se quer saber do mais, quando a senhora quiser falar-me, esteja à vontade, com uma condição — uma só! —: que não me venha com suas intrigas e fofocas. Não aprecio nem um pouco seu jeito de imiscuir-se na vida das pessoas que, estou certo, nada lhe devem, nem favores. Está claro?

Dona Pequitota abriu muito a boca e arregalou os olhos escandalizados enquanto eu falava; quando terminei deu-me as costas sem um pio, e não voltou a procurar-me. Soube depois que andou falando mal de mim com outros moradores do prédio, os quais, conhecendo-lhe a fama, não deram atenção, e o falatório caiu no vazio.

Passou-se muito tempo, contudo, até eu descobrir o que fizera Cora e sua mãe se afastarem de mim: cerca de um ano e meio depois dos acontecimentos narrados acima aconteceu-me novamente encontrar Cora no centro da cidade. A moça não me viu, o que me permitiu observá-la algum tempo antes de decidir aproximar-me. Parecia preocupada olhando uma vitrine de farmácia, e seu rostinho, que eu conhecera sonhador e cheio de boas expectativas para o futuro, estava agora um tanto sombrio, menos jovial certamente, com uma linhas de preocupação na testa e os cabelos mal penteados. Ainda era Cora, a doce menina que tantas alegrias me dera em meu outono com sua amizade pura e sincera no curto espaço de tempo em que nos relacionamos, mas transformada. De súbito pôs-se a andar, afastando-se da vitrine rapidamente, como se tivesse pressa. Decidi segui-la. Cora caminhava com desembaraço, mas súbito detinha-se e então parecia desorientada, sem saber que rumo tomar; insegura, olhava à esquerda e à direita, parecia aflita e esfregava as mãos mordendo nervosamente os lábios, fazia menção de voltar como se tivesse esquecido algo, mas retomava a direção anterior prosseguindo sempre a passos miúdos e rápidos. Segui-a por um bom tempo, receando abordá-la; refletia que era uma boa oportunidade de descobrir o que as afastara de mim: talvez já não me evitasse — “o tempo atenua certos ressentimentos” pensava —, e pudéssemos conversar; contudo hesitava, e enquanto hesitava ia seguindo-a a uma distância segura. Vi-a entrar em um hospital, e logo suspeitei de que seu aspecto desleixado e seu ar de preocupação deveria vir de alguma doença em família, e como em sua casa fossem apenas ela e sua mãe, supus que esta estivesse internada ali. Não entrei no hospital, fiquei aguardando do lado de fora até que ela sabsse, o que demorou cerca de uma hora. Mas novamente não a abordei, continuei seguindo-a. Cora prosseguiu no mesmo ritmo de antes, o andar resolutivo e as mesmas paradas súbitas, a mesma incerteza, e depois de cruzar diversas ruas afastando-se do centro (por que não apanhava um ônibus, para que andar tanto, aonde estaria indo?) vi-a entrar em um prédio de aparência antiga numa das ruas mais afastadas e pobres da cidade. Esperei alguns minutos e me aproximei da portaria, onde um velho sonolento apoiava os cotovelos num balcão de madeira. O velho olhou-me com indiferença, e quando lhe indaguei acerca da “moça que entrou agora há pouco, é moradora daqui?”, respondeu-me coçando o bigode que residia ali há cerca de dois meses. “Mudaram-se novamente” pensei, e tornei a perguntar: “É possível falar-lhe? Sou amigo da família, mas perdi o contato com ela há algum tempo, e só agora a vejo casualmente entrar aqui”. O velho indicou com um gesto mole a escada: “O elevador está enguiçado. Terceiro andar, o último apartamento à direita”. Não saberia descrever a cara de espanto com que fui recebido, a alegria que brilhou nos olhinhos dela e a imediata reserva que se seguiu a essa alegria, o modo contrafeito com que baixou a cabe-

ca. “Não me deixa entrar?” eu disse, e Cora abriu mais a porta, indicando o interior da sala. Aos poucos a tensão foi-se desfazendo, e enquanto eu tomava um café que ela acabara de preparar contou-me que sua vida se complicara nos últimos tempos, que já não podia pensar em estudar como desejava, “estaria na faculdade este ano, mas não pudemos pagar”, e o motivo da penúria por que passavam era a doença da mãe, que consumia todos os recursos de que dispunham. “Tivemos de nos mudar para cá... é menor, mais barato... enfim, aqui é muito mais pobre...”, e embaraçada indicava o ambiente à sua volta como a pedir desculpas por sua miséria. “Mas vocês estão sozinhas? Não têm amigos?” perguntei, e ela repetiu a história que eu já conhecia: sua mãe nunca fora muito sociável, com isso suas relações sociais eram poucas (“Quando mamãe adoeceu, há cerca de um ano, aquele homem que o senhor conheceu afastou-se de nós. Alegou compromissos que de repente passaram a ocupar todo seu tempo, e não deu mais notícias. Confesso que foi com alívio que o vi partir — não gostava dele —, embora nos deixasse numa hora difícil. Com isso, contudo, demonstrou que não nos estimava, tinha certamente interesses escusos com os quais a doença de mamãe interferiu”) e, de resto, ninguém estava em condições de ajudá-las, “mamãe tem os dias contados” ela esclareceu, explicando que desejava somente um desenlace menos doloroso. “Se eu puder fazer alguma coisa” ofereci, “tenho algumas economias, pode dispor delas”. Cora, que até então evitava olhar-me diretamente nos olhos devido à perturbação de que fora tomada com minha visita, reclinou por fim a cabeça em meu ombro e chorou. Afaguei-lhe os cabelos com carinho, um carinho tão intenso e profundo que, compreendi, somente um pai poderia sentir por sua filha única e adorada — e naquele momento, um dos mais preciosos de sua vida, o solteirão solitário e sem família sentiu-se pai. “Não quero vê-la triste” sussurrei-lhe junto ao ouvido, secando suas lágrimas com a ponta dos dedos, “ponha-se bonita, vamos fazer um passeio para espairecer”. Cora fitou-me com surpresa, refletiu um momento sobre minha proposta, que lhe parecia um tanto extravagante àquela altura; hesitava, mas eu não lhe dei tempo de recusar, acrescentei: “Vai, vai arrumar-se!” Ela efetivamente fez-se bonita: penteou os cabelos finos e negros que lhe desciam até o meio das costas, deixando-os soltos, pôs uma maquiagem leve que realçou a delicadeza de seus traços e o tom moreno de sua pele, e completou com um vestido claro e simples que destacava as formas graciosas de seu corpo. Assim, saímos pelas ruas da cidade naquele fim de tarde tropical para nos distrairmos: parque de diversões, cinema, restaurante, tudo isso compôs nosso programa; vimos as luzes da cidade acenderem-se, transitamos entre a multidão que invadia as ruas no começo da noite, tínhamos de falar alto para nos entendermos meio à bulha, retornamos tarde para casa, eu lhe fiz companhia até o dia seguinte. Cora estava feliz.

Pus minhas economias à disposição da doente, consegui tornar seus últimos dias mais amenos, e ela, pouco antes de morrer, tomando-me as mãos olhou-me com os olhos úmidos e disse com a voz já bastante fraca: “Julguei-o mal um dia... estava errada. Perdoe-me”.

Somente dias depois do sepultamento, Cora já restabelecida, animei-me a tocar no assunto que vinha me angustiando desde que nos separamos havia mais de um ano e meio. Ela então me explicou que sua mãe recebera uma carta anônima na qual falavam de mim como de um homem sem princípios, que tinha por hábito aproximar-se de jovens inexperientes pretendendo seduzi-las. Que a simples amizade de uma moça como Cora com tal homem poderia pôr em risco sua reputação, e que ela deveria proibir a amizade da filha comigo. “‘Uma carta anônima’ ponderei com mamãe, ‘não se deve dar atenção a uma carta anônima’, mas alguns dias depois um fato novo veio corroborar o conteúdo da carta”, e Cora relatou que o tal cavalheiro de óculos havia reaparecido desculpando-se de sua inconveniência de dias atrás; demonstrava humildade, e foi novamente aceito; em conversa, teria dito casualmente que me vira em companhia de Cora, e desaconselhava tal amizade. “Minha mãe lhe perguntou se fora ele o autor da tal carta. ‘Carta? Que carta?’ ele disse, estranhando a pergunta de mamãe; ‘Nada sei sobre carta, sei apenas que esse senhor, a quem não conheço pessoalmente, é apenas tolerado em seu local de trabalho, e no lugar de onde veio sofre igualmente de má fama’”. Cora lhe perguntara como ele poderia saber disso com tanta certeza, já que não me conhecia. “Muito simples” ele teria respondido, “tenho um amigo, na verdade um primo em terceiro grau, que foi seu antigo vizinho e trabalha na mesma firma que ele. Deu-me todas as informações... parece até que respondeu processo por ter abusado de uma menor certa vez... isso pra não falar das que desencaminhou sem que a família, a fim de evitar escândalo, levasse o caso à polícia...”. Compreendi que naquela história havia o dedo de dona Pequitota — e me lembrei das ocasiões em que deparara com ambos conversando animadamente. “Mamãe sempre foi uma pessoa muito reservada” disse Cora como justificativa, “o senhor sabe, muito tímida e só, tínhamos somente uma à outra. Perder papai foi para ela um grande golpe, não só por amá-lo, mas também porque via os poucos laços que mantinha com o mundo se desfazerem. Quando aquele homem apareceu em nossas vidas, mamãe começou a afeiçoar-se a ele. Certa feita ele se mostrou inconveniente e mamãe o mandou embora de nossa casa, mas depois retornou desculpando-se, humilhou-se, demonstrou boas intenções... enfim... mamãe não teve coragem de fechar-lhe a porta... também ansiava por alguém...” Foi nessa altura, segundo Cora, que entrou em cena a carta anônima. O Dr. Figueira negara categoricamente a autoria, “por que eu escreveria uma carta — ainda mais anônima — se podia falar de tal assunto pessoal e francamente, como faço agora?”, e

acrescentou ter conhecimento de fatos que me desabonavam moralmente, inclusive apontou um parente seu como testemunha. “Agora vejo que nos precipitamos num julgamento fundado em indícios tão irrelevantes, eu principalmente... mas eu era tão jovem, e não estava habituada a desobedecer a mamãe...”

A artimanha entre o tal Dr. Figueira e dona Pequitota estava clara para mim. Uma escrevera a carta, o outro (ansioso por retornar ao convívio da viúva, e aos seus olhos passar por homem atilado, conservador, de boa cepa) falou “como quem não quer nada” de minha conduta condenável para confirmar a denúncia anônima, e estaria disposto mesmo a apontar uma testemunha! O assunto era sórdido, resolvi esquecê-lo.

Abracei Cora e beijei-lhe os cabelos. “Tudo passou, é o que vale” eu disse.

Eu estava em paz agora. De volta a casa, sentia-me menos só — decididamente, já não me sentia só: tinha uma filha. Nos anos seguintes acompanhei seu desenvolvimento: vi-a ingressar na universidade, formar-se, adquirir um bom emprego, casar-se com um rapaz de minha inteira aprovação (sentia-me tão responsável por ela que me vi na obrigação de aprovar-lhe o noivo!), e ainda batizei o primeiro filho do casal. Quanto a dona Pequitota, continuou com seus venenos, mas todos no prédio tornaram-se imunes a eles. Eu bem poderia ter tirado satisfações com ela lançando-lhe em rosto o grande mal que causara a mim, a Cora e a sua mãe, mas me dei conta de que não valia a pena, só serviria para envaidecê-la. A mulher, agindo dessa maneira, com certeza visava somente o mal — não sei se por uma maldade própria de sua natureza, ou se apenas por inconseqüência e de modo mais ou menos inconsciente, a título de mero divertimento (sou propenso a crer na primeira hipótese). Dar-lhe, portanto, notícias do mal provocado seria proporcionar-lhe uma satisfação, uma alegria a que não tinha direito. Por isso calei-me.

Mas a noite vai passando: algumas pessoas saem, ninguém mais chega, e a sala fica vazia. O relógio marcou quatro da manhã. Foi quando tive a esperança — a absurda esperança — de que alguém da minha perdida família (perdida no mundo, no tempo) aparecesse, viesse — casualmente que fosse, e só poderia ser casualmente, dadas as circunstâncias — e eu lhe reconhecesse no rosto um traço, um sinal que me dissesse: “Estou aqui, veja, temos muito em comum”. Sim, por um breve momento esperei — desejei — que tal acontecesse. Mas era tudo bobagem: eu, que negligenciei minha gente desde a juventude, por que desejar reencontrar-me com ela agora, quando já não há tempo nem razão para isso? Sorri de minha estupidéz, de minha dor sem remédio, e passei outra vez a prestar atenção aos presentes.

Aquele casal distinto que entrou por último, há meia hora, intrigou-me: estou certo de nunca tê-los visto antes, parecem-me totalmente desconhecidos e se mostram discretamente surpresos (principalmente a senhora) com o ambiente aonde vieram se meter. Estou quase certo de que devem ter errado de endereço (cheguei a imaginar a realização da minha absurda esperança de há pouco, mas não lhes ouvi a “voz” — a voz profunda que mo revelaria, e logo as coisas se esclareceram...). Aproximaram-se do caixão e olharam-me com alguma piedade; depois foram ali para o canto, silenciosos e compungidos. A senhora seca os olhos com um lençinho branco num gesto bastante estudado, enquanto o acompanhante — certamente esposo — parece míope e limpa os óculos cuidadosamente, como se se empenhasse numa tarefa muito complicada e importante. Sentem-se deslocados aqui, vê-se logo, e não conversam com ninguém. De resto, todos — exceto o Gomes — falam baixo, como sói ser em velórios.

Filhinha novamente entra com a bandeja: coou mais café, e acabou encontrando alguns biscoitos na lata que eu guardara no forno. Quando passa por mim — por mim, não pelo corpo no caixão — sinto o aroma do café forte e levo a mão para apanhar uma xícara, mas a xícara não tem substância alguma, é como se tentasse segurar o ar. Filhinha não tem substância alguma também, e passa através de mim como se fosse uma sombra. Que coisa estranha esse novo estado em que me encontro!

Mas de súbito ocorre uma coisa curiosa: o senhor distinto e desconhecido fala pela primeira vez, com Filhinha, no momento em que esta pára à sua frente apresentando a bandeja.

— A senhorita, pelo que parece, era muito amiga do Sr. notário, pois não?

A pergunta surpreendeu Filhinha e deixou-me perplexo, confirmando o que eu já supunha (e desfazendo-me um último fio de esperança, se é que ainda havia um): ele e a mulher estão em um velório errado.

— O Sr. notário? — Filhinha perguntou, fazendo cara de dúvida, enquanto a senhora colhia, com cerimônia, uma xícara.

— Sim, o Sr. Leopoldo foi notário muitos anos em Rio Bonito. Nós o conhecemos lá, numa circunstância muito singular...

— O senhor se refere... — gaguejou Filhinha.

— Ao Sr. notário, minha filha — e indicou o caixão.

— Mas, senhor... talvez haja um mal-entendido...

— Oh, sim? — e o homem pareceu perdido por um momento. Entesou-se, e o gesto de apanhar para si a xícara de café foi interrompido. — Por que a senhorita diz isso?

— O falecido — explicou Filhinha — não se chama Leopoldo...

— ?!

— ...é o seu Souza, Manoel Souza, aposentou-se há alguns anos e nunca foi notário não senhor. Trabalhava numa importante firma de contabilidade ou coisa assim...

Foi nesse momento que se deu o incidente. Uma tragicomédia, que só poderia acontecer no meu velório e em nenhum outro, para culminar com a que já se iniciara — da confusão do distinto casal, em sua entrada aqui por engano.

Como não podia deixar de ser, envolveu-se nela o escandaloso Gomes, o impulsivo Tavares e um sujeito que se mudou recentemente — menos de dois meses — para o prédio, e subiu (mora no andar imediatamente abaixo) um momento para reclamar do barulho — como se em vez de um velório estivesse acontecendo em minha casa um baile de formatura. Pois o homem irrompeu porta adentro, um tanto descabelado e de pijama, e veio plantar-se no meio da sala. Entrou com uma disposição, mas ao deparar com meu corpo devidamente aboletado em cima da mesa, adotou imediatamente outra e pareceu confuso. Não obstante, chamou a atenção sobre si com movimentos de braço e com a voz algo hesitante, se bem que irritada:

— Senhores! Senhores!

Todos agora prestavam atenção ao homem, que prosseguiu:

— Não é possível, senhores, que já não se possa dormir neste prédio — e olhou em volta para ver o efeito que causava sua admoestação. Continuava aborrecido, contudo parecia considerar a situação e avaliar se era justo reclamar de algum barulho em tais circunstâncias. Prosseguiu: — Ainda que seja esta uma ocasião um tanto... um tanto...

— Um tanto o quê, Sr.? — perguntou com aspereza o irritadiço Tavares, aproximando-se do homem com as mãos nas cadeiras.

O Gomes, prevendo uma discussão tão tola quanto descabida, interveio com seu vozeirão, que devia fazer-se ouvir embaixo, na rua:

— Ora, ora, senhores! Por favor, que não há motivo...!

Contudo a intervenção conciliadora do Gomes não surtiu o efeito desejado, e por uma única razão: com seu estentor e seus movimentos largos pareceu ao visitante incomodado que o Gomes o repreendia ou, em último caso, que pretendia arrastá-lo dali em direção da porta. O homem, então, empurrou o Tavares para o lado com brutalidade e avançou sobre o Gomes, disposto a enfrentá-lo:

— Somente eu, senhor, sei se há ou não motivo, já que não posso dormir, e é certo que amanhã devo levantar-me muito cedo...

Neste momento o senhor distinto, que mais uma vez limpava os óculos, avançou igualmente conciliador, com gestos delicados e voz quase inaudível...

— Acalmem-se, senhores, acalmem-se que não há motivos...!

Mas o Tavares, fora de si e rubro como um pimentão achou de revirar ao trompaço, atirando o inoportuno reclamante em cima do senhor distinto que foi chocar-se contra a parede, os óculos voando-lhe das mãos e indo parar embaixo da mesa.

Tão prontamente a refrega teve começo como fim: já o Gomes fazia-se entender, o Tavares — ainda vermelho — ajeitava a gravata e o reclamante, acalmado, desculpava-se, retirando-se da sala.

— Sujeitinho desagradável! — sibilou o Tavares metendo as mãos nos bolsos e olhando para os lados.

Então todos se voltaram para o senhor distinto que, meio catacego, auxiliado por Filhinha e pela esposa, recolhia de sob a mesa seus óculos, cujas lentes se haviam quebrado com a queda. O Gomes aproximou-se perguntando-lhe se estava machucado. O senhor distinto agora ficava de pé, com os cacos na mão em concha — “Não senhor, não senhor, está tudo bem, tudo bem...” — e, meio atarantado, os cabelos grisalhos em desalinho caindo pela testa, andava em roda olhando para um e outro que dele se acercavam. Por fim deu-se conta de que quebrara os óculos, e olhou tristemente os cacos em sua mão.

— O senhor precisa de ajuda? — era Filhinha ao lado do senhor distinto, que pousou nela os olhos claros e míopes.

— Oh, minha filha, então... então este senhor não se chama Leopoldo? Não é o notário Leopoldo?

— Não, senhor — respondeu Filhinha, solícita —, como lhe expliquei, este é o seu Souza, nem é notário, e sim funcionário de uma firma...

— Céus, que engano!... Mas são tão parecidos!... Mas são idênticos!

Pareceu muito envergonhado (“Contudo me afiançaram que era este o endereço...”), ao que todos acorreram em seu auxílio a fim de deixá-lo à vontade:

— Essas coisa acontecem — justificou alguém —, olhem que certa vez... — mas não prosseguiu pois todos falavam ao mesmo e ninguém lhe deu atenção.

— Talvez o nome da rua fosse parecido — outra pessoa sugeriu.

— É compreensível, é compreensível — dizia ainda outro.

— Se pudermos ajudar em algo...

— Sim, disponha de nós.

— Talvez o senhor queira um táxi — e a voz do Gomes sobrepôs-se às demais.

Mas o senhor distinto fez um gesto, e todos se calaram. Ainda segurava os cacos na mão em concha, mas distraído pusera no rosto a armação vazia. Por polidez, ninguém riu.

— Enfim... todo esse transtorno... — parecia não saber o que dizer, e olhava ora um, ora outro, com movimentos contidos.

Notou Filhinha ainda junto de si com a bandeja.

— Sabe, como eu lhe dizia, o Sr. Leopoldo... — lançou uma olhada para o caixão — ...como são parecidos!... — e de novo para Filhinha: — Mas como lhe dizia, conheci o Sr. Leopoldo numa circunstância singular, em Rio Bonito...

No entanto jamais ficaremos sabendo em que circunstâncias aquele senhor distinto conhecera o tal Leopoldo, que tanto se parecia comigo e fê-lo enganar-se ao ver-me estirado no caixão: a mulher, a distinta senhora que até então permanecera inativa, tocou-lhe o braço, “Vamos, Rufino”.

— Oh, sim, sim... é hora... não há dúvida de que é hora... talvez ainda tenhamos tempo de... — e com um movimento de cabeça saudou a todos e retirou-se conduzido pela mulher, sempre com a armação vazia no rosto e a mão em concha segurando os cacos.

Amanheceu.

Às seis um pardal pousou no peitoril da janela e cantou alegremente. Alguém o enxotou dali, como se aquele canto, aquela alegria, fossem uma ofensa ao morto. A mim, contudo, fez bem. Será com certeza um dos últimos cantos de pássaro que ouço.

Às sete alguém se lembrou de que o sepultamento estava marcado para as oito, e o caixão foi fechado. Espiei pela janela e vi o carro fúnebre parado à entrada do prédio.

Não houve propriamente um cortejo: acompanharam-me ao cemitério o Gomes, o Tavares, Filhinha e mais alguns, que couberam em dois ou três carros de aluguel.

Às oito em ponto o caixão descia para a cova, e apareceu um crioulo com uma colher de pedreiro e um balde de massa. O homem calafetou bem o carneiro — uma simples caixa de concreto com uma tampa de cimento por cima — e retirou-se, com silenciosa indiferença.

Todos se dispersaram.

O preto, vejô-o ainda a andar daqui para ali, cuidando dos canteiros, limpando, assoviando enquanto trabalha. Vez por outra desaparece detrás dos túmulos maiores, depois reaparece mais adiante.

Além dele, ninguém.

O cemitério está vazio.

Resta-me aguardar o que virá — pois certamente virá alguma coisa, embora não saiba quando nem como. Sinto apenas a brisa leve que passa por mim como se eu fosse também uma brisa em sentido contrário. É como me sinto: um vento, um pouco de ar, quase nada.

Estou triste? Estou alegre? Não sei. Como se já fizesse parte do que virá, percebo que as palavras começam a faltar-me — que nada, nada mais tenho a dizer. Tento concentrar-me nos últimos acontecimentos de minha vida, mas é em vão: tudo parece tão distante e sem importância que não merece ser lembrado, e até os episódios da noite anterior se desfazem gradualmente. Um último pensamento agradável me traz Diva com seu vestido vermelho, e minha querida Cora com seus filhos, o primeiro dos quais eu batizei. Como seria bom que alguém a avisasse de minha morte, quando menos para que viesse vez por outros trazer-me flores...

Talvez o façam, talvez alguém o faça, ou talvez ela mesma notando-me a ausência vá um dia procurar-me e então...

Sim, talvez isso aconteça. O mais já não importa.

O preto também se foi e o cemitério ficou deserto.

Todo o resto dissolve-se, confunde-se na luz da manhã...

Bem, enquanto falava chegaram algumas pessoas para o meu velório, e, como de costume, foram postar-se respeitosamente diante do caixão olhando-me com complacência. Aquela mulher magra é a chefe da repartição onde amarguei o meu sufocamento diário dos meus últimos anos de trabalho. Nunca gostou de mim, tratava-me sempre com ar de superioridade por trás dos seus óculos de míope, e ao incumbir-me de alguma tarefa fazia-o sempre como quem manda um garoto de recados à rua. Sim, nunca gostou de mim, então por que veio ver-me na situação um tanto ridícula em que me encontro agora?